

DOSSIÊ MEMÓRIA VOL. 1



Registros
de história

Dossiê Memória Vol.I
Registros de História

Autores

José Mauro Gnaspini
Victor Matheus Fernandes de Santana
Gustavo Adamo Marques de Pietro
Binha Sakata
Bruno Bosso

Organização

Victor Matheus Fernandes de Santana

São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D724 Dossiê memória : registros de história / Victor Matheus Fernandes de Santana organizador ; José Mauro Gnaspini, Gustavo Adamo Marques de Pietro, Binha Sakata, Bruno Bosso. – São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2025.
134 p. : il., fotografias de acervo, capas

ISBN: 978-65-993292-8-9

1. Memória. 2. Centro Cultural São Paulo. 3. Educação Ambiental. 4. Instituições culturais. I. Santana, Victor Matheus Fernandes de.

II. Gnaspini, José Mauro. III. Pietro, Gustavo Adamo Marques de.

IV. Sakata, Binha V. Bosso, Bruno

CDD 306

Sumário

- 11 **Um lugar de Memória**
José Mauro Gnaspini
- 15 **Um barco chamado Núcleo Memória**
Victor Matheus F. de Santana
- 21 **Núcleo Memória: 25 anos de preservação**
Victor Matheus F. de Santana
- 43 **Curiosidades do Acervo**
Equipe Núcleo Memória
- 81 **Uma Ode ao Arquivista Hipotético**
Gustavo Adamo Marques De Pietro
- 89 **Rastros de luzes, arquivo-memória e poesias para você se transformar**
Brutalismo / Binha Sakata
- 95 **A nave está atracando ou está zarpando para uma nova travessia?: Notas de um metafuturo para o Centro Cultural São Paulo**
Bruno Lopes Chbane Bosso

Foto: Sossó Parma



Um lugar de Memória

Foto: Artur Cunha



José Mauro Gnaspini
Diretor do Centro Cultural São Paulo

Raramente em meu percurso me deparei com uma instituição que se preocupa com sua memória como acontece no CCSP. Este lugar, intrinsecamente ligado à pesquisa, informação, arte e cultura, possui um rico e vasto histórico de acontecimentos que perpassa qualquer gestão.

O Centro Cultural São Paulo representa a metrópole em que está situado com sua pluralidade, diversidade e grandeza, onde diferentes modos de fazer cultura, diferentes públicos e pessoas encontram seu espaço em meio às vias que o desenham em sua arquitetura.

Este gigante de ferro e concreto convida as pessoas a descobrirem novas formas de pensar, novas formas de ocupar e novas formas de criar afetos e lembranças. A memória que fica ao visitar este espaço é inesquecível, seja por quem frequentou um show ou a biblioteca nos anos 80, seja por quem pesquisou em um dos nossos acervos, seja por quem visitou uma exposição ou assistiu a um espetáculo.

Neste ano, celebramos os 25 anos do Núcleo Memória, acervo que acolhe e cuida de todas essas memórias, registros, documentos e patrimônios do Centro Cultural, resultado do trabalho fundamental da equipe e construído coletivamente por todos os funcionários. Preparamos esta publicação para refletirmos sobre este espaço, conhecer mais o CCSP e pensar como a memória se apresenta para o presente e para o amanhã.

Um barco chamado Núcleo Memória

Foto: Myriam Peixoto



Victor Matheus F. de Santana
Coordenador do Núcleo Memória

Como se preserva a memória? O que deve ser lembrado? Esse papel não cabe a uma pessoa apenas decidir, já que a memória institucional é construída coletivamente. O acervo do Núcleo Memória existe porque dezenas de funcionários realizaram seus trabalhos, muitas vezes nem pensando no legado que isso deixaria. Contudo, o que existe neste lugar são também testemunhos do que foi pensado e executado no CCSP.

Dentro das pluralidades que o Centro Cultural São Paulo representa, o público nos traz sua memória afetiva, seja do primeiro beijo no jardim, a apresentação dos seus amigos, um show do artista que você admira muito, um banho de sol na hora do almoço ou horas de estudos na biblioteca se preparando para uma prova. O trabalhador também assume sua memória afetiva, com aquele colega que troca palavras todos os dias, aquele lugar que zela pela manutenção e limpeza, as amizades que surgem, as confraternizações que são comemoradas. O que traz vida e movimento ao Centro Cultural são os artistas, palestrantes, filmes e outros acontecimentos que compõem as programações e os acervos que são cuidados e ofertados pelas pessoas que realizam esse trabalho para o frequentador, pesquisador ou leitor, que por sua vez utiliza e ocupa este lugar das mais diferentes maneiras.

O Centro Cultural enfrentou diversas marés e resistiu a todas elas. Os relatos dessas jornadas de viagem estão registrados em seus documentos, fotografias, objetos e memórias de funcionários que protagonizaram essa trajetória. Muitos diretores, secretários e outras personalidades remetem ao Centro Cultural São Paulo como um transatlântico ancorado às margens da 23 de Maio, e outrora dizem devolver a vida à este navio naufragado. O CCSP existe para além desses conceitos e expectativas, pois o Centro Cultural é público desde sua concepção, e o público se apropria constantemente de seus espaços. Isto é o que emerge de suas paredes de concreto e vigas de aço, e traz a pluralidade e democracia que refletem nas relações que acontecem aqui.

Se o CCSP apresenta-se como essa grande nau, o Núcleo Memória mostra-se como um pequeno barco seguindo, ou ainda como o baú de tesouros desse lugar tão rico e plural. Esse oceano de documentos só existe pelo compromisso de cada um de preservar, e pode ser consultado graças ao esforço de uma equipe que processa todo esse material. O Núcleo Memória está completando 25 anos de existência, do qual fiz parte de quase 15 anos de história desse lugar navegando como frequentador, estagiário, documentalista, conservador e, atualmente, como coordenador e assim como muitos, criei minhas próprias memórias nesta instituição.

Hoje saudamos os 25 anos do Núcleo Memória como se estivéssemos saudando os 43 anos de existência do próprio Centro Cultural São Paulo, afinal o que seria das relações e das lembranças que tantas pessoas possuem

com afeto deste patrimônio da cultura paulistana. Pensar em memória é pensar o futuro. Para onde desejamos seguir com nosso barco? Esse acervo é e pertence à todos que fazem e fizeram parte do Centro Cultural São Paulo.

Núcleo Memória: 25 anos de preservação

Foto: Sossô Parma



Victor Matheus F. de Santana
Coordenador do Núcleo Memória

O Centro Cultural São Paulo ocupa um lugar de resistência horizontal contra a verticalidade que a cidade se sobrepõe. Nesta arquitetura singular e bruta, composta de vigas de aço, vidro e concreto, a pluralidade da cidade de São Paulo é representada em seus acontecimentos de arte e convívio. Desde 1982, ano de inauguração, houve ocupação da população de seus espaços e diferentes modos de produzir cultura, acompanhando as transformações e ebulições políticas, criando memórias e mantendo o CCSP como símbolo da cultura paulistana. Sua história hoje pode ser acessada através dos testemunhos que integram o acervo do Núcleo Memória, que, embora tenha recebido esse nome somente em 2014 a partir de uma reformulação interna, seu caminho particular começou anos antes.

A história deste acervo inicia-se após quase 20 anos da inauguração do Centro Cultural, em abril de 2000, quando Sênia Bastos, historiadora e diretora da Divisão de Pesquisas (atual Supervisão de Acervos - da qual o Núcleo Memória integra no organograma com outros acervos) identificou a necessidade de um repositório para abrigar conteúdos sobre a própria instituição a fim de receber documentos sobre o CCSP e valorizar as trajetórias profissionais dos funcionários através da documentação de processos de trabalho.

A partir desse momento, identificou-se a existência de um montante de materiais de divulgação e registros de atividades não catalogados (como fitas cassete, folhetos, programas, catálogos etc), armazenados setorialmente nas áreas de Comunicação e Biblioteca. Nesse cenário, foi idealizado o Projeto Memória, incumbindo a funcionária Rosana Dal Forno Braga como responsável pela organização deste acervo físico, registrado em uma base de dados no Microsoft Access.

Com o apoio de outros diretores de outras divisões, criou-se então uma rotina de recebimento e processamento técnico, ainda que limitados, em que foi optada a catalogação e guarda sequencial por suporte e/ou gênero (suporte em papel, suporte sonoro, suporte fotográfico, etc - denominações das categorias de tratamento documental). Em 2001, Sênia Bastos encerrou suas atividades no CCSP, e o projeto de memória seguiu encaminhado por Rosana Braga por aproximadamente 10 anos.

Em determinado momento, notou-se a necessidade de um novo projeto de reformulação do sistema de processamento técnico do acervo, visto que o existente não supria questões como de tipos documentais, acondicionamento adequado, entre outros fatores relativos à salvaguarda e preservação do acervo. Sendo assim, em consulta e reuniões com a Professora Doutora Ana Maria de Almeida Camargo em 2014, foi proposto, elaborado e aplicado, com a participação do funcionário Victor Matheus Fernandes de Santana e o apoio da estagiária Anna Flávia Palladino, um novo método a partir de visitas nas áreas e setores do CCSP, fazendo



Vista aérea do CCSP em construção, 1982. Fotografia: Antonio Corso

memória Jorge Amado No CCSP



200 Centro Cultural São Paulo

Teleconferência no jardim interno do CCSP. Nova modalidade de evento prevista para o ano 2000.
Nada disso. O CCSP tem MEMÓRIA. Jorge Amado participou do evento *Escritor Brasileiro*, realizado em 1982, isolando de seu currículo de romancista.
Espaço multicultural, atuaram no CCSP, em 18 anos de atividades, diversas personalidades e eventos que marcaram a vida cultural da cidade, como Tania Carreiro, Fernando Gabeira, Arthur Moreira Lima, London Festival Ballet, exposições sobre a escultura de Brachetti, o arquiteto modernista de Warchavich em *Brazil 1960*, *Navegar é Preciso - Portugal Brasil África*, seminários, programas educativos como *Passaporte Cultural* e tantos outros acontecimentos. Em todos estes anos de atividade, o CCSP também lançou nomes, hoje consagrados, tais como Chico César, Gabriel Villela, Sandra Benelli, Franklin Cassaro e outros.
Para preservar essas manifestações, se inicia o Projeto MEMÓRIA do CCSP, documentando toda a contribuição deste

Centro para a divulgação da cultura brasileira. O Projeto foi concebido com o objetivo de disponibilizar, ao público, informações sobre os eventos realizados. O material de divulgação e a documentação de palestras, apresentações teatrais, mostras de cinema, espetáculos de dança, seminários, exposições, shows, etc., foram preservados e, em breve, poderão ser pesquisados, pois o acervo está sendo sistematizado e organizado sob a forma de um banco de dados que logo estará à disposição dos interessados.
A conservação dos novos suportes documentais que caracterizam a documentação contemporânea desse acervo - fita cassete, gravação em vídeo, folder, cartão, cartaz, fitas, fotografias, etc. - e a disponibilização das informações de forma rápida e segura constituem dimensões da qual o Projeto está atento. Nesse sentido, propõe-se a interação com Centros de Documentação, de forma a contribuir com o diálogo sobre o monitoramento da memória do nosso patrimônio documental.
Sênia Bastos

2 | BPAUTA

Recorte de matéria com a primeira citação do Projeto Memória no jornal Em Pauta - Ano I - no 07, Abril/2000.

um diagnóstico dessa produção documental do qual denominou-se o projeto de "PROCURA-SE MEMÓRIA". Neste momento, surgiu a alteração de nome para Núcleo Memória com divulgação pela instituição intitulada "Para não esquecer".

As práticas desse período resultaram em uma primeira versão parcial da Política de Acervo do Núcleo Memória e a documentação dos métodos e processos de tratamento com o apoio da nova equipe liderada pela ex-diretora do Arquivo Histórico Municipal Liliane Schrank Lehmann, que deu continuidade deste trabalho, aumentando a equipe de funcionários e aprimorando os processos de tratamento, sendo utilizada agora uma Planilha de Excel para descrição dos documentos.

Houve a preocupação de revisitar o conceito de memória institucional e estabelecer uma busca ativa de objetos históricos remetidos à instituição. Os documentos museológicos que já existiam no acervo foram recatalogados com a criação de uma categoria própria conforme suas características como, por exemplo, premiações, troféus e placas que a instituição já havia recebido. Neste processo, outros objetos foram coletados segundo relatos e reminiscências de funcionários, sendo alguns bens patrimoniais já em desuso, trazendo seu contexto histórico na linha do tempo do CCSP. Neste momento, também foram agregadas ao acervo o arquivo de plantas arquitetônicas do Centro Cultural, que foram triadas, identificadas e higienizadas pela funcionária Nilza Mantovani.



Folheto de divulgação da ação de diagnóstico do acervo "Procura-se Memória".

Por ser um órgão subordinado à administração pública da Prefeitura Municipal de São Paulo, os documentos provenientes de atividade meio do CCSP acabam seguindo o caminho natural de suas fases (corrente, intermediário - Arquivo Público Municipal "Jornalista Paulo Roberto Dutra" – ARQUIP - e permanente - Arquivo Histórico Municipal) como os demais órgãos da cidade. Já em relação ao restante dos materiais e documentos de atividade fim, houve o recolhimento do acervo analógico e físico restante nas áreas através da ação "Faça Memória", engajando os funcionários da instituição a encaminharem as massas documentais acumuladas, e a criação do fluxo de entrega desses materiais. Em relação ao acervo digital, iniciou-se o processo de estudo e migração de vídeos e fotos para o servidor local.

Nesta busca foram encontradas diversas publicações remanescentes que não foram totalmente distribuídas ao público em sua época, porém ainda traziam informação relevante. Duas estantes foram dispostas no Foyer com os dizeres "Leve e Leia", distribuindo esses itens para o público e também divulgando o novo Núcleo Memória, como parte das celebrações dos 15 anos deste acervo.

O Núcleo Memória, representado pelos funcionários Liliane Lehmann e Victor Matheus, integrou o primeiro levantamento da produção documental da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), ainda de caráter parcial, iniciado em 2018 pela equipe da Comissão Setorial de Avaliação de Documentos – CSA, antecessora da Equipe de Gestão Documental - EDOC. Este processo de trabalho resultou no Plano de Classificação e na Tabela de Temporalidade Parcial de Documentos da Secretaria

Para não esquecer

A memória é condição na existência da cultura e da civilização. É a herança de todos os homens, patrimônio fundamental para que as futuras gerações possam construir novos possíveis a partir daquilo que outrora se perdera.

Como transformadora, a memória representa e ressignifica a realidade através de um discurso atualizado. Como integradora, ela promove a comunicação e a circulação de dados – efetiva e afetivamente - formando redes que unem o individual e o coletivo.

Assim, a Memória do Centro Cultural São Paulo agora é **Núcleo Memória CCSP** - reestruturação desenvolvida para melhor acolher toda a história cultural e administrativa do Centro Cultural através da salvaguarda de seus documentos, fotografias, registros em áudio e vídeo, material gráfico, plantas arquitetônicas, relatórios, memorandos, entre outras fontes de informações sobre o passado e o presente do CCSP.

É importante a colaboração de todos nas etapas de reestruturação, para que assim possamos abranger e melhor acolher a história desta instituição tão importante.

Pedimos, por favor, atenção especial às solicitações feitas pelo Núcleo. O trabalho trará benefícios para todos os funcionários, e especialmente ao público, que é nossa missão principal.



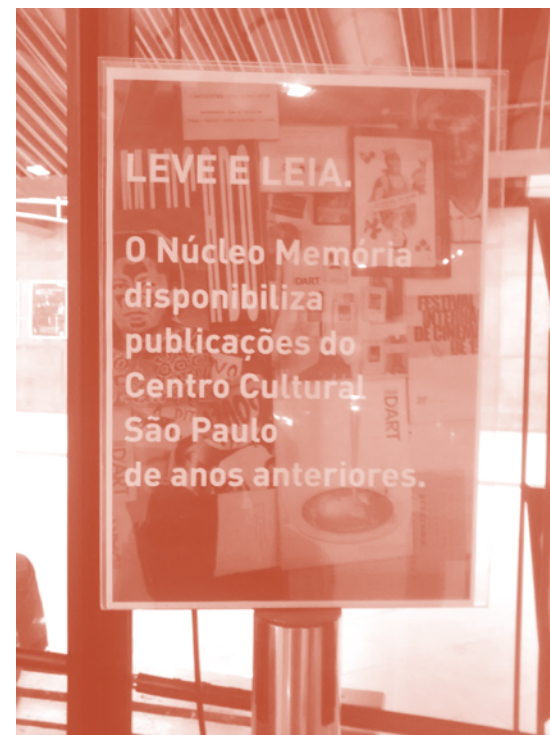
Cartaz de conscientização e difusão das atividades de recolhimento documental.

Municipal de Cultura de São Paulo: Atividades – Fim, publicados em 2021.

Em 2018, houve a implementação do Projeto de História Oral pelo coordenador Rafael Vitor Barbosa Sousa, e pelo sociólogo Agenor Palmorino Monaco Junior, do qual foram realizadas entrevistas de funcionários e ex-funcionários que fizeram e fazem parte da história do Centro Cultural São Paulo.

Integrando a programação da Jornada do Patrimônio 2019, o Núcleo Memória realizou a exposição “Centro Cultural São Paulo, um Patrimônio da Cidade”, no período de 16 de agosto a 15 de setembro de 2019 na Sala de Vidro, em que no dia 17 de agosto ocorreu a visita patrimonial com bate papo mediado por Zilah Florence, arquiteta responsável institucional Fruto de colaboração interdisciplinar com a equipe de arquitetura e da curadoria de artes visuais do CCSP, a montagem foi composta por fotografias, vídeos e a maquete preliminar do edifício, que seguiu exposta no espaço pelos anos seguintes.

No ano de 2020, quando o Núcleo Memória celebrou 20 anos, a diretora Erika Palomino organizou uma publicação denominada “Ocupação e Pertencimento – 2019/2020”, com textos escritos por diversos funcionários de diferentes setores do Centro Cultural São Paulo. As três Reservas Técnicas que atualmente salvaguardam os documentos do Centro Cultural São Paulo tiveram aprimoramentos e reformas de suas estruturas que aconteceram principalmente em 2022, porém seguem acontecendo até hoje.



Estantes do projeto “Leve e Leia”.
Fotografia: Victor Matheus

Depois de quase 10 anos do período de reestruturação, notou-se a necessidade de revisar e atualizar os procedimentos documentais, bem como as políticas de acervo e de recolhimento, uma vez que o modo de produzir documentos do CCSP havia migrado majoritariamente para documentos digitais. Através de diagnósticos detalhados nas áreas da Supervisão de Informação e do Núcleo de Curadoria realizados pelo funcionário Bruno Bosso, destacou-se a urgência no armazenamento e tratamento destes arquivos. Desta maneira, evidenciou-se que este é um acervo em transformação e, portanto, também uma transformação da sua lógica de um universo analógico para digital. Assim, cada vez mais sua composição se estabelece como digital.

Em 2025, o Núcleo Memória completa 25 anos de história, mantendo a salvaguarda desse acervo que reflete muito da trajetória do que aconteceu no CCSP nesses anos todos. Como processos de resgate e difusão desta memória, foi retomado o Projeto de História Oral para documentar o que está além dos documentos escritos e também porque entendemos que nenhuma história é contada sozinha. Para o CCSP ser, e continuar sendo, o que é hoje, centenas de funcionários realizaram suas funções coletivamente nesta rede de colaboração para o acontecimento do que quer que seja proposto. Por isso, este projeto tem como foco a vida profissional desses trabalhadores que trilharam seu caminho em algum momento pela instituição.



Gravação do Projeto de História Oral. Da esquerda à direita: Victor Matheus, Agenor Monaco, Alessandro Santos, Zé Amador e Rafael Barbosa, 2018. Fotografia: Luciana Batista

Integrando esta efeméride, propusemos em parceria com a Supervisão de Informação, a partir da pesquisa e curadoria de documentos do acervo pela equipe do NM, a postagem em redes sociais que refletem ano a ano esses 25 anos. Também iniciamos esta coleção de Dossiês, e o I Encontro de Memórias do CCSP: Diálogos entre Arquivos, Centros de Memória e Documentação da Cidade, reunindo sete centros de diversos equipamentos da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, fomentando o debate e promovendo o intercâmbio de experiências acerca do tema.

Para ampliar o acesso e a difusão dos documentos do acervo, está sendo desenvolvido, por Francisco Santos do Núcleo de Digitalização da SV, um banco de dados online na plataforma Tainacan com previsão para disponibilização ao público em 2026, a continuidade do Projeto de História Oral e o desenvolvimento e aplicação da Política de Recolhimento, com protagonismo no acervo digital.

Sabemos que os desafios para os trabalhadores de museus, coleções, arquivos e acervos são inúmeros, porém o trabalho é constante e progressivo e muitas vezes essa evolução passa despercebida. Ao observar a trajetória que este setor traçou ao longo de seus 25 anos, pode-se constatar que muito foi realizado, e que há ainda muito a realizar. Alguns nomes foram citados durante este texto, mas quero destacar todos os nomes das pessoas que cuidam e cuidaram dessa memória, pois cada um teve sua contribuição não mais ou menos importante para que este acervo pudesse existir e ser o que é hoje.



Vistas da exposição "Centro Cultural São Paulo, um Patrimônio da Cidade". Fotografia: Luciana Batista.

Ademais, destaco todos os funcionários do Centro Cultural São Paulo que constroem essa história coletivamente. Nenhum trabalho de memória é realizado sozinho. É fundamental sua participação desde o programador do evento, realizador, registrador e outras funções envolvidas para que a cadeia de preservação seja efetiva, e o documentalista consiga estruturar essas informações para pesquisa e difusão. Assim como um espetáculo precisa de público para assistir, um arquivo precisa do público ativo, redirecionando seus documentos identificados. Seguimos trilhando este caminho juntos. Enquanto existir Centro Cultural, existirá Núcleo Memória, mantendo a salvo sua história para o presente e o futuro.

As informações históricas tem como fonte Diário Oficial do Município de São Paulo, Leis e Decretos Municipais, documentos presentes no acervo do Núcleo Memória e depoimentos resgatados a partir de pesquisa nos áudios e transcrições de dois projetos de história oral do CCSP: o primeiro intitulado ~Cada Tijolinho~ foca em histórias de pessoas importantes na composição e ocupação do CCSP, e surgiu a partir do "Quem fez quem faz", série de entrevistas iniciadas durante as comemorações dos 25 anos do CCSP. O segundo ~Projeto de História Oral~ tem enfoque mais amplo nos trabalhadores gerais do CCSP, contando suas trajetórias profissionais e situações marcantes neste período. Ambas produções podem ser consultadas no acervo do Núcleo Memória.



Retomada das gravações do Projeto de História Oral.
Da esquerda à direita: Victor Matheus, Bruno Bosso, Sênia Bastos
Gustavo Adamo, 2025. Fotografia: Zé Amador

Quem cuidou da memória

Coordenação

Rosana Dal Forno Braga (2000 a 2013)

Liliane Schrank Lehmann (2014 a 2017)

Rafael Vitor Barbosa Sousa (2018 a 2019)

Victor Matheus Fernandes de Santana (2019 a 2025)

Equipe

Agenor Palmorino Monaco Júnior

Antonio Santos da Silva Neto

Bruno Lopes Chbane Bosso

Elaine Ignatti

Luciana Fonseca Batista

Marcia Suely Rovai Nobre

Maricler Martinez Oliveira

Marina de Siqueira Pozzoli

Nilza da Silva Mantovani

Estagiários

Anna Flávia Palladino

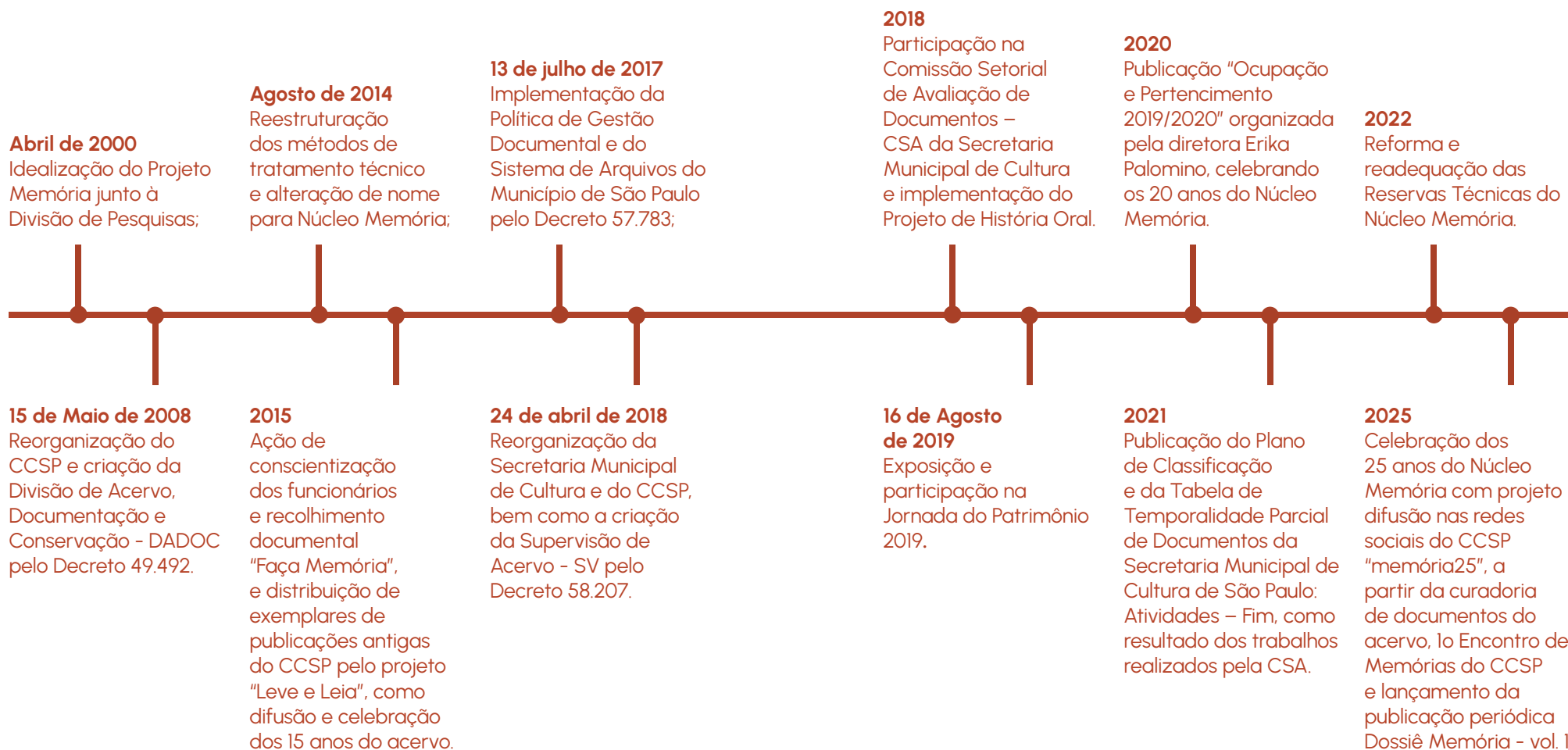
Luciana Cristina Ramos Nicolau

Amanda Alves Ribeiro

Matheus Rodrigues de Melo

Gustavo Adamo Marques De Pietro

Linha do tempo desde a inauguração do Centro Cultural São Paulo, em 13 de maio de 1982



Curiosidades do Acervo

Foto: Antonio Corso



Equipe Núcleo Memória

O Centro Cultural São Paulo tem 43 anos desde sua inauguração, mas sua história perpassa esses anos, considerando sua concepção e seus caminhos trilhados. Elencamos a seguir algumas informações sobre o CCSP que constam e podem ser pesquisadas no acervo do Núcleo Memória.

Centrinho Cultural

Em uma das entradas do CCSP, onde hoje é o final da rampa de acesso ao metrô inaugurada em 2004, havia uma tenda de circo montada com arquibancada e picadeiro. Surgia o Centrinho Cultural, que inaugurado em 6 de Novembro de 1994, integrava a programação recorrente da instituição, primeiramente pensada para o público infanto-juvenil, com atividades musicais, teatrais e circenses.

Antes de ser CCSP

Às margens do córrego Itooró e da estrada de terra que fazia rota entre São Paulo e o litoral, a cidade cresceu e constituíram-se casarios na região. Pela expansão urbana da cidade, duas estações foram instaladas, deixando um terreno, restante das desapropriações. Instituiu-se pela administração

pública o então Plano de Reurbanização do Vergueiro intitulado Nova Vergueiro com a intenção de ocupar o espaço com centros comerciais, prédios empresariais, garagens, etc., porém o projeto não seguiu adiante, sendo arquivado em 1975 por pressão popular.

A diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas, trouxe a necessidade física de expansão da Biblioteca Mário de Andrade às autoridades, que, após a formação de uma Comissão, realizou um relatório para viabilizar o projeto deste novo edifício anexo à BMA.

O projeto inicialmente concebido na gestão de Sábato Magaldi a frente da recém criada Secretaria Municipal de Cultura foi alterado para a receber um Centro Cultural. Eurico Prado Lopes e Luiz Telles, pelo escritório de arquiteturas PLAE, foram os arquitetos responsáveis pelo planejamento inovador da nova biblioteca pública: ao contrário da torre da biblioteca Mario de Andrade, a nova biblioteca pública seria horizontal e com amplos vãos que favorecem o livre acesso de consulentes e usuários, contrapondo-se também à verticalização urbana.

CCSP além da Vergueiro

Anteriormente ao CCSP, o IDART – Departamento de Informação e Documentação Artística funcionava no edifício chamado de Casa das Retortas, localizado na Rua do Gasômetro. Tal departamento foi incorporado ao Centro Cultural São Paulo como Divisão de Pesquisas, mas continuou operando suas atividades naquele local. Somente em 1992 mudou-se fisicamente



Apresentação do espetáculo *A Ciranda da Dona Boca* em 1995.
Fotografia: Sossô Parma



À esquerda, Eurico Prado Lopes, Mário Chamie, Luiz Telles e Paulo Gomes Machado verificam a maquete do CCSP em 1979.
Fotografia: Antonio Corso.

para as dependências do Centro Cultural. Naquele espaço situava-se também parte da Divisão de Administração do CCSP e ocorriam exposições.

Jardim original

A execução das fundações do CCSP foram iniciadas em 09 de Janeiro de 1979 e foram removidos mais de 200 mil metros cúbicos de terra do terreno. Entretanto foram construídas quatro grandes paredes que sustentam 10m de terra do piso inferior até o nível do piso das bibliotecas, preservando assim o jardim central de árvores seculares, mantidas no projeto arquitetônico e que podem ser vistas na área de convivência até os dias de hoje. O jardim foi renomeado em homenagem ao arquiteto Jardim Luiz Telles, conforme publicado no Decreto 55.126 de 19 de Maio de 2014. Em homenagem ao outro arquiteto, foi nomeado o Jardim Eurico Prado Lopes, que situa-se em decorrência da rampa de acesso à Estação Vergueiro do Metrô pelo Decreto 44.732 de 12 de maio de 2004.

Feliz ano velho, estreia da peça foi no CCSP

A peça de teatro *Feliz Ano Velho* de Alcides Nogueira, baseada no livro homônimo escrito por Marcelo Rubens Paiva, teve sua primeira estreia na Sala Jardel Filho no Centro Cultural São Paulo. Com direção de Paulo Betti e Lilia Cabral e Marcos Frota no elenco, o espetáculo ocorreu de 31 de agosto a 19 de setembro de 1983. As fotografias e o material de divulgação dessa montagem podem ser encontrados no acervo do Núcleo Memória.



Fachada da Casa das Retortas com placa do Centro Cultural São Paulo e Divisão de Pesquisas, em 1984. Fotografia: Joel La Laina Sene



Imagens da área do Jardim Central - Luiz Telles e entorno com formas para concretagem, 1981. Fotografia Antonio Corso

Mobiliários da Biblioteca

O mobiliário de livros das Bibliotecas do CCSP foi projetado também pelo escritório PLAE, responsável pelo projeto arquitetônico do Centro Cultural São Paulo. Os materiais escolhidos foram madeira tratada (compensado de cedro folheado com louro freijó) e estruturas metálicas para os projetos de balcões, estantes de livros e discos, mesas, entre outros. A arquitetura predial também definiu decisões de layout e desenho industrial dessa mobília, não apenas em seu design, mas no modo das pessoas acessarem seus livros, que permanecem à altura do público para que possam ter autonomia na visualização e escolha.

Bibliotecas

Em 6 de Maio de 1982 foi promulgada a Lei 9467, responsável pela criação, competências e organização do Centro Cultural São Paulo, e com ela definiu-se a Divisão de Bibliotecas, responsável pelo segmento dentro do CCSP. Sob sua atribuição como seção, a Discoteca Oneyda Alvarenga foi o primeiro acervo a ser inaugurado na instituição em pleno funcionamento em 13 de Maio de 1982, com audição de discos, partituras e livros que podem ser consultados até os dias atuais. Embora já constasse nesta lei, a Biblioteca Sérgio Milliet foi inaugurada no Centro Cultural São Paulo em 06 de Março de 1983. A Biblioteca Louis Braille, criada em 1947 para atender pessoas com deficiência visual, foi integrada ao CCSP também em 1983 como Seção Braille, e teve sua nomeação assim pelo Decreto 49.756 de 15 de Julho de 2008. A coleção



Jardim Central - Luiz Telles no piso térreo, 1981. Fotografia Antonio Corso



Jardim Luiz Telles, 2023. Fotografia: Rubens Gonçalves

de artes da biblioteca foi inaugurada em 1983 com as demais bibliotecas, e no início dos anos 90 começou a ser chamada de Seção de Artes Alfredo Volpi. No Decreto 49.492 de 15 de Maio de 2008, responsável por reorganizar o CCSP, passou a ser chamada de Coleção de Artes Alfredo Volpi, e anos depois passou a ser popularmente chamada de Biblioteca Alfredo Volpi.

Gibiteca Henfil

Transferida da Biblioteca Viriato Corrêa para o Centro Cultural, a Gibiteca conta com *coleções* de álbuns de histórias em quadrinhos do mundo inteiro e tem como patrono o cartunista Henrique de Souza Filho, Henfil como era conhecido, inovador dos quadrinhos no Brasil. Foi inaugurada no Centro Cultural São Paulo em 22 de outubro de 1999 com exibição do documentário sobre o desenhista Robert Crumb, lançamento de álbum, mesa de jogos e RPG, site, exposição e feira de troca de gibis.

Conheça quem dá nome aos acervos do CCSP

Sérgio Milliet

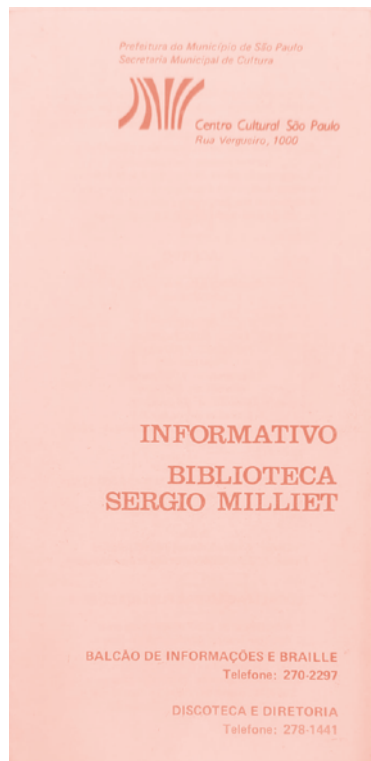
Sérgio Milliet foi um dos mais completos intelectuais de sua época, um verdadeiro polímata que atuou como escritor, sociólogo, tradutor e, sobretudo, como um influente crítico de arte. Participante ativo do



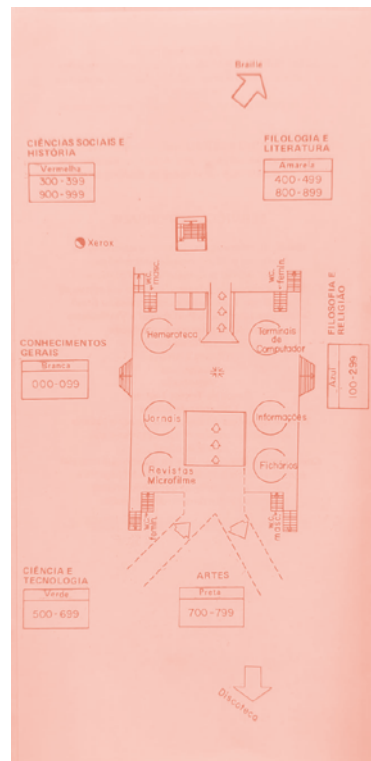
Adilson Barros, Christiane Del Cabral e Marcos Frota na peça *Feliz Ano Velho*, 1983. Fotografia: Iatã Canabrava



Público na área da Biblioteca, 1985. Fotografia: Antonio Corso



Documento informativo da Biblioteca Sergio Milliet (frente), 1983. Biblioteca, 1985. Fotografia: Antonio Corso



Documento informativo da Biblioteca Sergio Milliet com mapa das seções (verso), 1983.



57o aniversário da Biblioteca Louis Braille em 2005. Fotografia: Sossô Parma



Estantes da Biblioteca Sergio Milliet em 2023. Fotografia: Rubens Gonçalves.

modernismo, ele foi fundamental na institucionalização da arte no Brasil, dirigindo o MAM e sendo o primeiro presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Sua vasta produção crítica ajudou a moldar a compreensão da arte moderna brasileira.

Louis Braille

Louis Braille, que perdeu a visão na infância após um acidente, transformou a vida de milhões de pessoas com deficiência visual em todo o mundo. Aos 15 anos, enquanto ainda era estudante, ele inventou o sistema de escrita e leitura tátil que leva seu nome, baseado em combinações de pontos em relevo. Essa criação genial representou uma revolução sem precedentes para a autonomia e a inclusão, abrindo as portas da educação e da cultura para os cegos.

Alfredo Volpi

O pintor ítalo-brasileiro Alfredo Volpi é um dos nomes mais aclamados da segunda geração do modernismo, célebre por sua exploração da cor e da forma. Partindo de uma formação autodidata como pintor de paredes, ele desenvolveu uma linguagem visual única, que transitou da figuração para uma abstração geométrica cheia de lirismo. Suas icônicas "bandeirinhas" são a síntese de sua maestria em combinar a cultura popular brasileira com o rigor construtivo.

Henfil

Henrique de Souza Filho, o Henfil, foi a caneta mais afiada do Brasil durante os anos da ditadura militar, um cartunista que usou o humor como arma de resistência. Por meio de personagens inesquecíveis como os Fradins, a Graúna e o Zeferino, ele criticou o autoritarismo, a censura e as injustiças sociais nas páginas do jornal "O Pasquim". Seu traço tornou-se um símbolo da luta pela democracia, deixando um legado que transcende o jornalismo e a arte.



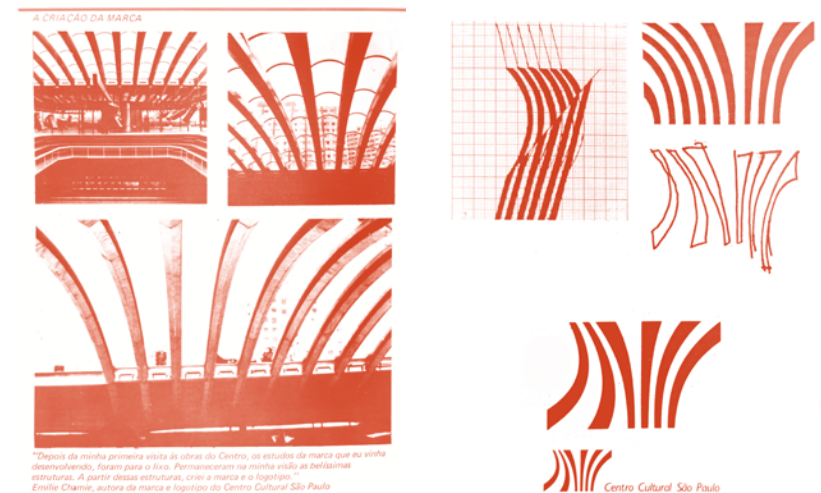
Espaço e estantes da Gibiteca Henfil em 2023.
Fotografia: Rubens Gonçalves.

Logotipo

Inspirada pelas linhas e curvas criadas presentes na arquitetura do Centro Cultural São Paulo, a marca foi desenhada por Emilie Chamie e entregue no ano de inauguração. Em 1995, foi contratada novamente em 6 de maio, sendo entregue para a diretora do CCSP Miriam Edith Bolsoni Pesce em 7 de julho daquele ano o Manual de Aplicação da Logomarca do CCSP, com regulamentações, medidas e parâmetros de aplicação. Em 2014, houve a atualização de um novo alinhamento para o texto e um novo traçado vetorial realizado a partir do original. Entre 2019 e 2024, a diretora Erika Palomino encomendou uma identidade nova e diferente, desenvolvida por Elaine Ramos, inspirada em outro aspecto da arquitetura do prédio, pensando sua horizontalidade, o cruzamento das rampas e o transpassar de fluxos. Em 2025, a marca original foi resgatada, e a fonte do logotipo alterada para a "DINish".

Aço e Concreto

Para dar forma ao concreto, foram fabricadas cerca de 2 mil toneladas de estruturas metálicas, e segundo o engenheiro José Adolfo de Mendonça, responsável pelo detalhamento das peças, foram confeccionadas cerca de 1500 tipos de vigas diferentes, 100 tipos de pilares diferentes e 12 tipos de escadas metálicas. O aço galvanizado sustenta as três lajes que compõem o CCSP.



Destaque da criação da marca do Centro Cultural do livro CCSP - Ano I, páginas 40 e 41.

Tombamento

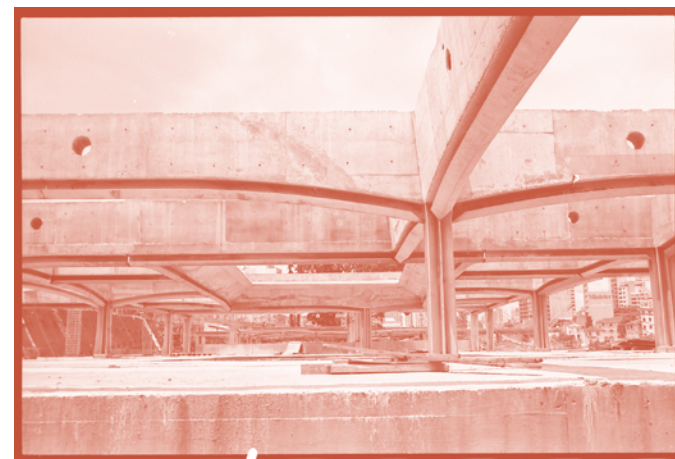
Em reunião ocorrida em 19 de março de 2018; o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP, definido pelo IGEPAC-Liberdade como "Eixo Liberdade Vergueiro", realizou o processo de tombamento deste trecho da Praça da Liberdade ao próprio Centro Cultural São Paulo, garantindo a preservação de sua caracterização e relevância histórica.

Teses, Dissertações e Publicações

Os arquitetos Luiz Benedito Castro Telles e Eurico Prado Lopes autores do projeto do CCSP que foi inaugurado em 13 de maio de 1982, começaram os primeiros estudos para sua elaboração em 1975. Em 2002, Luiz Telles defendeu sua tese de Mestrado sobre o Centro Cultural São Paulo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, "CCSP - Centro Cultural São Paulo: Um Projeto Revisitado", em que comenta que "o espaço seria um grande ponto de encontro, de pessoas com pessoas, de pessoas com o conhecimento". O Centro Cultural e suas áreas são temas de pesquisas no Brasil e no mundo. Grande parte das dissertações e teses podem ser encontradas no acervo do Núcleo Memória.

Premiações

O Centro Cultural São Paulo recebeu alguns prêmios por projetos realizados, desde sua concepção até sua programação. Em 1982, em seu ano de inauguração, sua construção foi reconhecida pelo prêmio Paulo Fragoso 1982, outorgado pela ABCEM, Associação



Estrutura de concreto para piso 1, ao norte da área da Sala de Espetáculos, 1981. Fotógrafo: Antonio Corso



Vista de parte do logo do CCSP no Jardim Suspenso - Lado 23 de Maio e escada vermelha de acesso ao Jardim Suspenso - Lado Vergueiro, em 2016. Fotografia: João Silva.

Brasileira dos Construtores de Estruturas Metálicas. Podemos destacar também em 2016. A APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte conferiu na categoria Dança o Prêmio de Projeto/Programa pela Semanas de Dança em entrega solene no Teatro Municipal de São Paulo em 15 de maio de 2017. Anos depois, a Curadoria de Dança, em nome do CCSP, volta a ser premiada e a receber o Prêmio Especial APCA 2023-2024 atribuído à Programação de Dança pela Associação Paulista dos Críticos de Arte e entregue em cerimônia realizada em 02 de Julho de 2025 no Teatro Sérgio Cardoso em São Paulo.

Astronomia

O Sarau Astronômico foi um projeto em parceria com a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente que começou no Centro Cultural em 2007. O público era convidado a observar o céu noturno por meio de telescópios e com monitoria de técnicos em astronomia. Ao mesmo tempo, as pessoas interagiam com apresentações artísticas como músicas, danças e performances ao vivo.

Folhetaria

A Folhetaria do Centro Cultural São Paulo, situada no Piso 23 de Maio, tem oferecido diversas residências e oficinas de artes gráficas como xilogravura, serigrafia e monotipia. A partir de 2015, estabeleceu-se o projeto Ateliê Livre e foi aberta ao público geral para uso, com atuação dos estagiários da Ação Cultural e Educativa do CCSP Frederico Heer, Hermes dos Reis e voluntariado de Guilherme Boso, e com o apoio da funcionária da Divisão de Comunicação Adriane



Lançamento do livro Centro Cultural São Paulo - Espaço e Vida, à esquerda Fernando Serapião, autor, e Carlos Augusto Calil, em 2012. Fotografia João Mussolin



Certificado do Prêmio APCA 2003 ao CCSP.

Bertini, promovendo e recebendo o artistas, coletivos e interessados em arte impressa no desenvolvimento de suas práticas artísticas. No mesmo ano, em 28 e 29 de Novembro aconteceu a I Feira de Arte Impressa do CCSP, e em 2025 teve sua 6ª edição. O espaço ampliou-se e mudou-se para o lado da gráfica do CCSP 2017 e cedeu local para o FABLAB. Desde 2016, a Folhetaria segue conduzida até hoje pelo funcionário Rodrigo de Moraes Taguchi, com Ateliê Livre e dispõe de editais para oficinas e residências artísticas.

Nomes dos Espaços

As salas recém inauguradas do CCSP ainda não tinham nomes das personalidades culturais que temos hoje. Os eventos da programação aconteciam no Teatro (ou Teatro de Palco Italiano), Cinema, Auditório e Teatro de Arena, que a partir do Decreto 18.644 de 2 de Março de 1983, passariam a se chamar Sala Jardel Filho, Sala Lima Barreto, Sala Paulo Emilio Salles Gomes e Sala Adoniran Barbosa, respectivamente. O Espaço Cênico Ademar Guerra só foi nomeado assim pelo Decreto 37.448 de 28 de Maio de 1998. Popularmente chamada de Praça das Bibliotecas, adquiriu o nome de Espaço Mário Chamie pelo Decreto no 52.944 de 24 de Janeiro de 2012. O Piso Flávio de Carvalho, anteriormente conhecido como Piso Verde, por conta de pastilhas de vidrottil que forravam o andar, foi nomeado pelo Decreto 47.110 de 23 de Março de 2006. Outros espaços tiveram seus nomes adquiridos organicamente nos anos 90, como o Piso Caio Graco, o Piso 23 de Maio, antes chamado de Porão ou Piso 796, Espaço Flávio Império ou Foyer e Sala Tarsila do Amaral.



Convite do Sarau Astronômico - O Céu Noturno Visto do Centro Cultural São Paulo em 2007. (frente e verso)



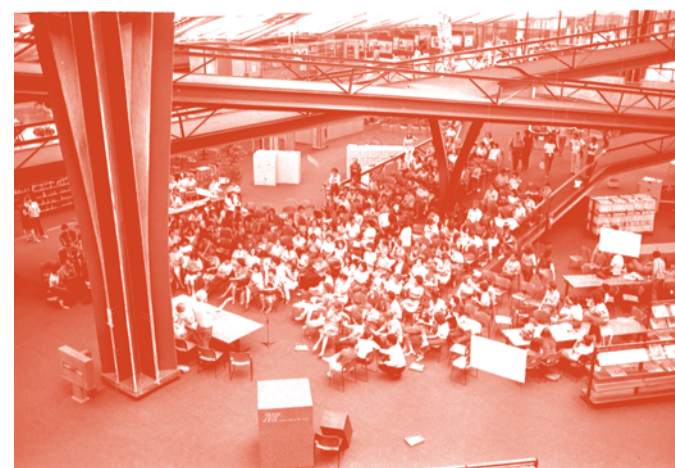
Frederico Heer auxiliando frequentador no Ateliê Aberto em 2016.
Fotografia: João Silva



Novo espaço da Folhetaria inaugurado em 2017.
Fotografia Sossô Parma



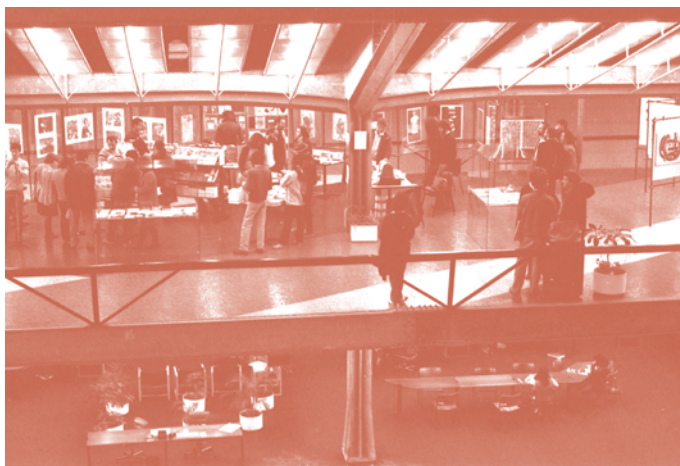
Rodrigo Taguchi mostrando tinta para público em 2016.
Fotografia: João Silva



Formatura e Encerramento do Encontro das Bibliotecas Infante-Juvenis no Espaço Mario Chamie - Praça das Bibliotecas, 1983. Fotografia Antonio Corso



Sala Adoniran Barbosa, 1982. Fotografia: Antonio Corso



Primeira Exposição do Livro Cubano no Brasil no Piso Flávio de Carvalho, 1983. Fotografia: Antonio Corso



Sala Jardel Filho, 2019. Fotografia: João Mussolin



Acesso ao CCSP pela rampa e Jardim Eurico Prado Lopes à esquerda. Fotografia: Sossô Parma



Abertura da Mostra do 31o Programa de Exposições no Piso Caio Graco, 2021. Fotografia: Artur Cunha



Espaço Flávio Império - Foyer, 1983. Fotografia: Carlos Rennó



Sala Lima Barreto, 2004. Fotografia: Sossô Parma



Sala Tarsila do Amaral, 2006. Fotografia: Sônia Parma

Afinal, quem são as pessoas que nomeiam esses espaços?

Jardel Filho

Jardel Filho foi um renomado ator brasileiro que transitou com maestria entre o teatro, o cinema e a televisão. Nascido em uma família de artistas, iniciou sua carreira nos palcos aos 16 anos, atuando ao lado de grandes nomes do teatro nacional. Com uma filmografia de mais de 40 filmes, incluindo clássicos como "Macunaíma" e "Terra em Transe", e participação marcante na teledramaturgia, consolidou-se como um dos maiores talentos de sua geração.

Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto foi uma voz literária fundamental do pré-modernismo brasileiro, conhecido por sua contundente crítica social. Descendente de escravos, o escritor e jornalista carioca utilizou sua obra para expor as mazelas e as contradições da sociedade brasileira do início do século XX. Em romances como "Triste Fim de Policarpo Quaresma", abordou com pioneirismo temas como o racismo, a exclusão social e as desigualdades do país.

Paulo Emílio Salles Gomes

Paulo Emílio Salles Gomes dedicou sua vida à compreensão e à valorização do cinema brasileiro como forma de arte e conhecimento. Fundador da

Cinemateca Brasileira e professor universitário, ele foi o primeiro grande teórico a defender sistematicamente a produção cinematográfica nacional. Sua atuação como crítico, historiador e educador estabeleceu as bases para os estudos de cinema no país, formando gerações inteiras de pesquisadores e cineastas.

Adoniran Barbosa

João Rubinato adotou o nome artístico Adoniran Barbosa para se tornar a voz mais autêntica da São Paulo popular. Filho de imigrantes italianos de Valinhos, ele transformou o sotaque e o linguajar das ruas paulistanas em poesia musical, criando sambas que retratavam o cotidiano do trabalhador urbano. Suas composições, especialmente "Trem das Onze", eternizaram a alma dos bairros operários e da comunidade italo-brasileira da cidade.

Ademar Guerra

Diretor teatral de personalidade discreta mas de realizações monumentais, Ademar Guerra marcou a cena brasileira com encenações ousadas e politicamente engajadas. Formado na escola de Antunes Filho, ele desenvolveu uma linguagem cênica própria, capaz de conduzir grandes elencos em espetáculos de forte impacto visual e dramático. Montagens como "Marat-Sade" e "Missa Leiga" revelaram um encenador comprometido com a transformação social através da arte.

Mário Chamie

Poeta e intelectual paulista, Mário Chamie rompeu com as vanguardas estabelecidas ao propor a Poesia-Práxis nos anos 1960. Sua concepção da palavra como "organismo vivo" buscava uma literatura engajada com as transformações sociais, distanciando-se do formalismo concretista. Além de sua contribuição literária, inaugurada com o livro-manifesto "Lavra Lavra", Chamie também atuou na gestão cultural da cidade de São Paulo.

Flávio de Carvalho

Arquiteto, pintor, escritor e performer, Flávio de Carvalho foi um dos espíritos mais inquietos e transgressores do modernismo brasileiro. Educado na Europa e formado em engenharia, ele retornou ao Brasil para desafiar convenções estéticas e comportamentais através de suas célebres "experiências". Sua obra multidisciplinar antecipou conceitos da arte contemporânea, fazendo dele um pioneiro da performance art e um eterno provocador das normas sociais.

Caio Graco

Herdeiro de uma tradição intelectual engajada, o editor Caio Graco Prado transformou a Editora Brasiliense em um polo de agitação cultural durante a redemocratização do Brasil. Sob seu comando, a editora promoveu uma revolução no mercado editorial

com coleções acessíveis, como a "Primeiros Passos", que popularizaram o conhecimento. Sua atuação consolidou o papel do livro como uma ferramenta fundamental para a transformação política e social.

Flávio Império

Formado arquiteto pela USP, onde também lecionou por 15 anos, Flávio Império expandiu os limites da cenografia brasileira ao integrá-la com as artes plásticas e o design. Sua abordagem experimental e politicamente consciente redefiniu o espaço cênico nacional, especialmente durante os anos de chumbo da ditadura militar. Trabalhando com materiais diversos e técnicas inovadoras, ele criou cenários memoráveis que dialogavam criticamente com seu tempo.

Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral é uma das figuras centrais da arte moderna na América Latina, cuja obra definiu os rumos do movimento no Brasil. Com sua pintura "Abaporu", ela foi uma das inspirações do Manifesto Antropofágico, propondo uma "deglutição" da cultura estrangeira para criar uma arte genuinamente nacional. Suas cores vibrantes e formas sinuosas, que retratavam a paisagem e o povo brasileiro, tornaram-se um emblema da identidade cultural do país durante o Modernismo da década de 1920.

Diretores do CCSP

Histórico de diretores que fizeram parte da história do Centro Cultural São Paulo, em ordem cronológica.

Ricardo Ohtake
(08/1981 - 03/1983)

Fernando Lemos
(03/1983 - 08/1983)

José Geraldo Martins de Oliveira
(08/1983 - 01/1986)

Mendel Aronis
(01/1986 - 02/1986)

Neif Gabriel
(06/1986 - 04/1987)

Roberto Vicente Frizzo
(04/1987 - 08/1988)

José Américo Motta Pessanha
(02/1989 - 12/1992)

Maria Luiza Librandi
(01/1993 - 12/1993)

Miriam Edith Bolsoni
(01/1994 - 12/2000)

Carlos Augusto Machado Calil
(01/2001 - 12/2004)

Celso Miotto Curi
(06/2005 - 04/2006)

Heloisa de Amorim Dip - interina
(04/2005 - 09/2006)

Martin Grossmann
(07/2006 - 05/2010)

Gilberto Carlos Marques Labor - interino
(06/2010 - 07/2010)

Ricardo Resende
(07/2010 - 06/2014)

Gilberto Carlos Marques Labor - interino
(06/2014 - 09/2014)

Pena Schmidt
(10/2014 - 01/2017)

Cadão Volpat
(01/2017 - 12/2018)

Erika Palomino
(02/2019 - 04/2021)

Leandro Lehart
(05/2021 - 02/2022)

Rodolfo Beltrão - interino

(03/2022 – 02/2023)

Rodolfo Beltrão

(02/2023 – 05/2024)

Dandara Almeida (Ildaci Francisca de Almeida)

(06/2024 - 06/2025)

José Mauro Gnaspini

(06/2025 - atualmente)

As informações presentes neste texto foram reunidas pela equipe do Núcleo Memória, e têm como fonte o Diário Oficial do Município de São Paulo, Leis e Decretos Municipais, documentos presentes no acervo do Núcleo Memória e depoimentos de funcionários e ex-funcionários que vivenciaram os processos na história do CCSP.

Uma Ode ao Arquivista Hipotético

Foto: Antonio Corso



Gustavo Adamo Marques De Pietro
Estagiário de História do Núcleo Memória

Em nosso tempo, poucas noções são tão universalmente aclamadas quanto a da preservação da memória. Ela se manifesta como um imperativo cultural, um dever cívico e uma responsabilidade institucional. Em corredores, salas de reunião e documentos oficiais, ecoam os mantras familiares: “não podemos esquecer”; “é preciso resgatar nossa história”; “devemos preservar o legado para as futuras gerações”. Este apelo à lembrança é o alicerce sobre o qual as instituições culturais constroem sua relevância e prometem sua perenidade. A memória, nesse discurso, assume um caráter quase sagrado, uma entidade abstrata que, por consenso, precisa ser salva a todo custo da inexorável passagem do tempo.

Contudo, a nobreza de tal imperativo frequentemente ofusca uma verdade fundamental: a memória, especialmente a memória institucional, não flutua no éter. Ela não é uma essência que se autoconstitui, mas o resultado final de um processo meticuloso, técnico e eminentemente terreno conhecido como a cadeia de preservação documental. Este processo, que se inicia no momento da criação de um documento e se estende por sua vida útil, avaliação, e eventual destinação à guarda permanente, é a verdadeira infraestrutura da lembrança. É a engrenagem que permite que o passado se torne acessível ao futuro. E é precisamente nesta cadeia, em seus elos mais cotidianos e menos celebrados, que o grandioso discurso da memória encontra seu mais frágil e, por vezes, esquecido componente.

Se a memória é o destino final, mas os elos da cadeia que a sustentam são ignorados, quem, então, garante a travessia? É neste vácuo entre o discurso e a prática que emerge uma figura singular, um herói anônimo e espectral: o Arquivista Hipotético. Ele é a personificação da conveniência, o destinatário tácito de toda responsabilidade adiada. Para ele são endereçadas as caixas de documentos acumuladas sem critério, sob a promessa de uma "organização futura". É em sua competência infinita que se confia quando um arquivo digital crucial é, sem formalidades, deletado para "liberar espaço", na crença de que, de alguma forma, ele poderá ser recuperado do nada. O Arquivista Hipotético é a resposta silenciosa à indiferença passiva do "deixa aí" e à destruição ativa do "apaga isso". Ele não questiona, não se cansa e, acima de tudo, não ocupa espaço no organograma. Sua existência é a prova de que, na ausência de um processo, resta apenas a fé.

As atribuições deste guardião invisível beiram o fantástico. O Arquivista Hipotético possui o dom da onipresença, transitando silenciosamente entre departamentos para intuir o valor de um documento que jamais viu ser criado. Ele detém uma sabedoria atemporal, capaz de decifrar o contexto de planilhas sem legendas, relatórios sem data e projetos sem autor. Não lhe são necessários recursos, formação técnica ou diálogo; sua atuação é movida por uma pura abstração do dever. Mais impressionante ainda é sua capacidade de praticar a arqueologia do vácuo, resgatando o sentido de documentos que foram apagados e reconstruindo narrativas a partir de fragmentos inexistentes. Ele é, em essência, o executor perfeito para uma política de memória baseada

no pensamento mágico: um ser que opera onde a responsabilidade se ausenta, transformando o caos em ordem e o esquecimento em arquivo, tudo isso sem jamais receber uma única folha de ponto.

Felizmente, a cultura e a memória não sobrevivem apenas de hipóteses. No Centro Cultural São Paulo, essa figura fantástica encontra, há 25 anos, sua contraparte real, concreta e tenaz: o Núcleo Memória. Aqui, o trabalho silencioso deixa de ser o de uma entidade espectral para se tornar a prática diária de profissionais que, ao contrário do arquivista hipotético, necessitam de método, diálogo e recursos. O Núcleo atua não com a magia da onisciência, mas com a ciência do patrimônio; não com a arqueologia do vácuo, mas com a colaboração ativa para que os documentos não se percam. Ele representa a institucionalização da responsabilidade, o compromisso que transforma o vago "dever de lembrar" em ações sistemáticas de preservação, provando que a memória, para ser duradoura, depende menos de heróis míticos e mais de processos consistentes e trabalho humano.

O Arquivista Hipotético, portanto, revela-se uma ficção conveniente, mas, em última análise, insustentável. Celebrar a memória enquanto se delega sua construção a uma entidade invisível é cultivar um jardim esperando que ele floresça sem sementes, água ou cuidado. A preservação do patrimônio cultural não é um ato passivo nem um milagre futuro; é uma decisão ativa e uma responsabilidade compartilhada que se manifesta no presente. Ao comemorar os 25 anos de um núcleo que se dedica à materialização da memória, somos convidados a refletir: em vez de sobrecarregar o futuro ou uma

figura abstrata, como pode cada um de nós, em nossas práticas diárias, tornar-se um elo consciente e ativo nesta cadeia? A resposta a essa pergunta é o que garante que a memória da instituição não se torne, ela mesma, uma hipótese.



Rastros de luzes, arquivo- memória e poesias para você se transformar

Brutalismo / Binha Sakata
*Estagiária de Audiovisual da Supervisão
de Informação*

Você tem todas as formas e cores que quiser ter. Foi assim que comecei a criar um espaço onde pudesse te guardar a memória de quem você foi e o que viveu. Não por um orgulho da minha parte, do tipo para você se lembrar de quem te criou, porque sinceramente, é você quem se cria. Esse espaço é para que você possa, através de todas essas formas, construir sua história a partir de suas experiências.

Todo evento é um evento, e dele transformo em uma memória. É um atravessamento de sentimentos e sensações, ligações e novas conexões que você teve aqui. De qualquer forma, a gente, quando se permite expor, está autorizando para que novos conhecimentos ou sensações nos seja apresentado. Tem coisas que experienciei que, por mais que eu não saiba descrever em palavras, eu consegui expressar de outros jeitos. Eu sei que as senti e as compreendi na sua beleza de ser e sua autenticidade. Sua beleza de saber que cada movimento que você realizou foi único e sincero. Foram os seus movimentos que fizeram ser belos esse ato.

Quando guardo essa memória, juro que não é pela vaidade da nostalgia, mas sim, para que ninguém possa dizer que isso foi em vão. Eu acho que a gente sabe no fundo, quando es outros fazem e tem densidade no ato.

Quando vejo essas memórias, é porque sei por onde andamos e o tanto que fizemos, porque às vezes, é tanta cobrança maluca, sem chão e sem propósito, que parece que não fizemos nada, mas a gente sabe que cada movimento que fazemos, muda sim, algum mundo. Muda sim, alguma perspectiva, nem que seja a nossa, por um dia.

Às vezes volto porque relembrar de como isso era antes me orientou a buscar e estar aqui hoje, te lendo e te entendendo um pouco mais. Guardar e organizar é um jeito que preservo essa memória do que existiu, e também para que outres possam se inspirar e espelhar ou utilizar como ferramenta para o novo, para uma transformação de possibilidades que eu não conseguia imaginar na época. Talvez a nossa construção do passado não tenha sido a melhor proposta, e ter o seu olhar e conhecimento de agora, de quem sabe qual seria uma melhor forma de materializar, foi uma ponte para você tá aqui e agora construindo algo mais potente e condizente, algo que agora faz sentido e inclui tanta coisas importantes para a nossa conversa e desenvolvimento.

Sinceramente, não quero escrever algo para rememorar, porque apesar das felicidade e dores que passamos, eu sinto mais sede e ambição de sempre tá vivenciando algo novo, eu sempre acredito que é possível tá fazendo algo diferente e inventivo. Quero tá aqui construindo um arquivo-memória para que você possa saber que, com o meu passado e abertura de empréstimo do meu conhecimento, você pode vir aqui buscar por informações e momentos que te auxiliam a construir o que você tá buscando. Um sentimento, uma assimilação, um

imaginário, um projeto, uma relação. É o tal do "nada se cria, tudo se transforma" (e cita os devidos créditos), mas com certeza, a gente tem se transformado e resistido por muito tempo para não ser destruído e invalidado.

E confesso que acho até fofo quando me procuram, porque mesmo que não me digam, eu sei que é em busca de sabedoria, e nem tô falando da academia das palavras, mas sim dos exercícios de construir pontes para além do racional e utilitário entre o que se busca. Entrego o que sei e vejo a pessoa completar por si o sentido de sua pergunta. Não é toda hora que me procuram, mas sei que deve ser para algo importante que não pode ser adiado. É algo que precisa do nosso encontro, como se minha versão virtual fosse um protótipo, mas eu também sou válido assim, mas boto fé que me ver ao vivo, o baque é outro. Uma vez, uma professora me procurou e disse como a imagem é o tédio e tudo o que é relação mundana é uma experiência insubstituível, e isso é engraçado porque, por mais que eu seja imagem, eu sou o que restou para sua experiência insubstituível, o rastro da estrela cadente no que entendemos como tempo.



A nave está atracando ou está zarpando para uma nova travessia?: Notas de um metafuturo para o Centro Cultural São Paulo

Bruno Lopes Chbane Bosso
Documentalista do Núcleo Memória

Esta história que até aqui percorremos não se encerra aqui. Parece que esse barco, essa nave, essa nau que esteve tão presente na vida daqueles e daquelas que por aqui passaram, mudou tanto que por vezes pode não parecer o mesmo centro cultural de sempre. Mudado, estranho, inautêntico, talvez outro. Transformado, transfigurado. Diferente. Para alguns essa transformação é o que define nossa identidade, nossa capacidade de perpetuar-se, adaptar-se. Será que adaptar-se também parece uma renúncia daquilo que sonhávamos desde o começo que seríamos? Ou caímos novamente na transformação, na transfiguração, e voltamos para o princípio dessa história: O que queríamos ser e nos tornar quando começamos a nos olhar para buscar o tempo futuro? Lá longe olhávamos para nosso *horizonte de expectativa* a partir de nosso *espaço de experiência* de maneira tão estranha ao que fazemos hoje?

Essa lógica de pensar parece muito apelativa e até banal quando pensamos em nossas próprias vidas. Até parece óbvio e *orgânico* que tenhamos um olhar retrospectivo a partir de nosso *espaço de experiência*. Não pretendemos aqui aludir a meros clichês do que a memória individual e suas tipologias permitem vislumbrar. Penso que quando falamos da vida de um indivíduo podemos nos permitir a ter ferramentas da Psicologia e da Neurociência para compreender o que *de fato* aconteceu, mas quando falamos da vida de coletivos, por vezes milhões de

peças através do tempo e do espaço, não parece possível somente aludir a metáforas subjetivas e comportamentais.

As respostas que buscamos exigem um raciocínio complexo e multifacetado como um caleidoscópio (ou estaríamos usando uma luneta para ver ao longe?) que muda conforme é tensionado, distendido, torcido, flutuando nas ondas e nos movimentos dos fatos do tempo. Dessa maneira, falamos aqui sobre um mundo de imagens fragmentadas tentando serem interpretadas (ora como vemos o tempo, ora do que ele é) e intermediadas através das lentes e telas. Tal processo nos coloca numa posição, portanto, de que assumir imediatamente proposições do que vemos diante de nossos olhos como uma injustiça. E, por consequência, uma *injustiça histórica* a ser evitada em nome de uma *justa memória*.

Este risco aparente de falar em primeira pessoa neste texto não é mero usufruto de meu ego, mas uma pretensão até mais ambiciosa, enquanto ensaio, enquanto análise, enquanto fagulha de pensamento a partir de uma intuição e, por isso, aqui assumi também a primeira pessoa neste texto. Ensaio uma interpretação, sem pretensão de longevidade, com um olhar trespassante que penetra e pontifica a realidade ao meu redor, precisando-a neste momento. Não pretendo formular hipóteses. Para essas eu deixo minha admiração e para o espaço que as quero colocar. Elas terão seu espaço no meu dia a dia de trabalho e também na minha vida intelectual, claro. Elas, como resultado desses pensamentos tem lugar na minha capacidade de

acreditar que estamos envolvidos no que denominamos de trabalho da cultura, mas da cultura nacional. E assim, cultura nacional da qual este centro cultural faz parte e criou parte dela.

Essa metáfora com que começamos a delinear este texto não possui a pretensão de ser uma conclusão da viagem que até aqui foi percorrida - por mais que estejamos neste momento fronteiro entre dois estados, atracar ou zarpar. Assim como toda viagem, ela é melhor contada e experimentada durante ela mesma. Por mais que pareça, não estamos aqui levantando ideias ao ar, sem pretensão de assentá-las, mas começamos este texto indo por um caminho peculiar, para causar estranhamento a fim de desnaturalizar seu olhar. Esse mundo tecnológico compartilhado entre nós, navegantes e viajantes, por demais tem se tornado natural, tecnocrático, dado, teleológico. Quero não só humanizar este mundo. Quero socializá-lo. Isto posto, o que nos interessa aqui é o processo e não o começo ou mesmo o fim desta viagem. Por mais que estejamos apelando a visões de mundos que possam parecer fáceis, a verdade está nos processos, nesta viagem e como tem sido essa travessia. Toda viagem assim como todo período apesar do dito aqui é ainda assim balizado por ferramentas que permitem começar ou findar sua duração. Por isso, por fim (ou seria pelo começo?) convido você, leitor e leitora a embarcar comigo nesta viagem e periodização do tempo. Do Tempo neste centro cultural.

Proponho aqui analisar essa história e essas memórias como um caleidoscópio que muda conforme o rotacionar das imagens que se pretende ver e interpretar,

modificando seus fragmentos e formando uma nova imagem, uma nova visão ao longe. A ideia é tornar estranha essa história tão naturalizada, e familiar, imbricada entre múltiplas camadas de memória, nas suas tensões, nós, rupturas, nos seus *estratos do tempo*. Dessa maneira, proponho aqui mapear essas *heterocronias* ora em choque, ora justapondo-se, ora tornando-se *híbridas* em novas temporalidades. Se a narrativa lhe pareceu até aqui com alguma estética peculiar (já que falamos aqui de um lugar profundamente embebido no que hoje chamamos de estética), proponho questionarmos esse *discurso autorizado*, e ao ter *alteridade* por olhar, desfamiliarizar esse processo histórico.

Parece contraditório também desfamiliarizar a memória. Como estranhar aquilo que parece inato aos humanos na sua relação com o tempo? Montar narrativas a partir de fragmentos e pronto: aí está A Narrativa. Não pretendemos valorizar uma em detrimento da outra porque por vezes quando nada mais nos é sinalizado ao horizonte enquanto coletivo (e aqui entenda que falo da *desmaterialização* do mundo material que nós vivemos) entre, humanos e não-humanos nas suas redes, somente a memória poderá ser o atracadouro desta jornada no tempo e no espaço.

Somente assim poderemos de fato tocar esse objeto-sujeito (ou sujeito-objeto) nas suas verdades e nas suas narrativas. Posso parecer vago até aqui, como já me repeti, mas o que quero relatar é (e como colega navegante seu) a minha proposição: **como podemos observar, analisar e por fim não só diagnosticar, mas também prognosticar (algo que não é muito comum**

hoje em dia pela efemeridade do que pretende propor) a história do Centro Cultural São Paulo, não necessariamente de maneira narrativa, linear. Quero mudar o nosso olhar para o que está (e esteve) ali, na nossa frente, o tempo todo, que fez o mundo ser o que ele é hoje, mas que tem sido pouco desvelado até este momento segundo o que vejo: **seus fluxos de trabalho.** Estes fluxos tem sido de todas as tipologias, formalizadas ou não formalizadas ou melhor dizendo de *conteúdo estável ou não, simples ou complexas, interativas/ dinâmicas ou estáticas*, representantes ou representadas (digitais ou analógicas). Consequentemente, vejo que somos só elementos, pontes entre essas *redes sociotécnicas*.

Me permito aqui uma pequena digressão para melhor elucidar o que proponho: o que chamamos hoje de Patrimônio Industrial Brasileiro está em constante disputa interpretativa e apropriação política, especialmente pelas mudanças econômicas do espaço que ocupam na cidade de São Paulo. Se por um lado, hoje há uma disputa sobre o que foi a industrialização brasileira a partir do que órgãos de patrimônio no Brasil afora têm negociado para fins de preservação, pouco sabemos sobre o que ocorria nas relações fabris no interior destas fábricas, destes espaços de trabalho. O elemento que ali sempre esteve esconde-se pela sua constante presença, mesmo que ele seja o elemento definidor para tornar ou não aquele espaço num espaço de fato fabril: seu maquinário e as relações sociais que ali eram engendradas Como funcionavam? Quais fluxos de trabalhavam ritmavam junto àqueles e aquelas que habitaram seus espaços? Como podemos acessá-los?

Não há uma resposta única para este processo, pois somente temos fragmentos os quais podem ser considerados fonte documental deste macroprocesso como anúncios de jornal, fotografias, manuais de maquinários, relatos orais, entre outros. Mas nessa investigação de redescoberta do que pretendemos selecionar como patrimônio sempre cairemos sobre a problemática ora do patrimônio como política, ora como estética e ora como objeto científico. Quem pode selecionar o patrimônio? Sob quais critérios e orientações? A quem pertence? Quem é sua pessoa física ou jurídica custodiadora? Não é possível aqui delinear respostas peremptórias, mas tão somente sinalizar uma possível mudança sobre esse patrimônio, em que seus meios reprodutores e as relações sociais adivinhas e criadoras modificam-se. Não será mais somente o suporte analógico ou digital que será ora sim ora não definido como patrimônio.

Aqui propomos a nível intuitivo que o patrimônio hoje se transfigura e reside na sua singularidade e coexistência em ambos os níveis lógicos de compreensão, digital e analógico, num só tempo e também em tempos diferentes - por mais paradoxal que aqui pareça num primeiro momento. Mais do que isso, me parece que hoje estamos novamente entrando num momento muito semelhante ao que vivemos nos anos 1970 e 1980 no Brasil. Momento aquele que novas formas de tecnologia emergiram, e ali se configurava o que passaríamos a conhecer pelo nome de *Web 1.0* - quando usuários possuíam um papel quase exclusivo de leitores ou consumidores passivos de conteúdo, sem poder modificar ou gerar conteúdo, com a web emulando o mundo

analógico, a chamada *web estática*. Gradativamente, se nesta época emergia uma visão de documentação e memória da arte refletindo uma urgência em preservar o patrimônio cultural diante das rápidas transformações sociais e políticas vigentes, me parece que hoje nos encontramos num momento muito semelhante, Instante de documentar o "intangível", o "desmaterializado" - quando no passado chamávamos essa totalidade de efêmero. Coincidentemente ou não, esse foi um dos motivos pelos quais o Núcleo Memória foi concebido:

Foi por isso que eu pensei no Projeto Memória, por conta das pessoas que estavam nessas equipes [...] que eram antigos funcionários, muitas vezes que naquele momento da vida tinham se tornado professores universitários e isso fez então com que eu passasse então a construir essa possibilidade de a partir da Divisão de Pesquisas propor, então, uma memória. [...] Na verdade, a Divisão de Pesquisas, ela era a memória da arte contemporânea da cidade. [...] Se eu não tivesse saído, era começar a fazer as entrevistas, não só com aquelas pessoas que eu considerava que eram funcionários, que podiam. [...] Porque o tempo todo eles me contavam, "Não, o inventário começou assim, olha, a Teresa fez isso, não." Eu falava, gente, isso não está escrito em lugar nenhum, então a gente precisa registrar, né? A gente precisa ter essa preocupação, porque daqui a pouco não tem mais ninguém aqui e essa memória vai se perder de como isso começou..1

¹Entrevista concedida por Sênia Bastos (antiga diretora da Divisão de Pesquisas, de 1998-2001) no contexto do projeto Cada Tijolinho realizado pela antiga servidora pública Márcia Dutra junto à Ação Educativa e Cultural do CCSP - mudar para 1 Entrevista concedida por Sênia Bastos (antiga diretora da Divisão de Pesquisas, de 1998-2001) no contexto do projeto Cada Tijolinho realizado pela antiga servidora pública Márcia Dutra junto à Ação Educativa e Cultural do CCSP

Documentar a arte contemporânea num primeiro momento, mas também documentar aqueles, aquelas, aquilo's que o construíram. Aqui percebemos que as próprias mudanças do tempo, seus estratos e regimes modificaram o próprio tratamento técnico e, no caso, da preservação da história e da memória artística da cidade. Dessa maneira, podemos associar essa reconstrução das relações sociais em torno dos processos de trabalho fabril que mencionamos acima, também ao trabalho do setor terciário público, afinal o que é o computador pessoal contemporâneo senão o maquinário deste servidor ou servidora públicos de então e de hoje? Não quero também implicar que o trabalho de preservação necessariamente remete a alguma forma de alienação, mas destaco a seguinte questão emocional do patrimônio: como as tecnologias da informação e comunicação empenharam uma transformação nos fluxos de trabalho das instituições de preservação enquanto impacto tecnológico semelhante às automações que fábricas realizaram no passado?

Entenda: *emocional* aqui pois está relacionada à construção e recriação contínua de redes sociais que criam sentido de pertencimento e identidade para os indivíduos e grupos que aqui falamos, os navegantes e viajantes desta nave.

Finalmente, já que aqui me encontro ainda no começo de minhas ideias, entendo que esta viagem ainda não acabou, mas na verdade precisa começar aqui com você. E se esse barco está zarpando ou atracando nosso acesso a essa história dependerá de quem está narrando essa crônica de viagem e quem está lendo-a:

seus viajantes e navegantes que ainda se mantêm neste barco, entre a Avenida 23 de Maio e o Ribeirão Itororó, as pessoas que atracaram a fim de percorrer outros destinos e outras que observam essa navegação constante ora embarcando ora desembarcando deste navegar.

Longe de intencionar propor aqui uma teoria sobre o tempo ou uma interpretação meta-histórica, já que acredito que já muitas dissertaram em demasia sobre teorias do tempo. Mas cabe aqui e seria importante falar sobre como que parece que nunca estivemos tão perto de dilemas das pessoas que pertencem ao que chamamos de passado, nesse futuro misterioso de um mar que não sabemos por onde estamos navegando: será que o encontro de alteridades de mares misteriosos do passado foi tão enigmático e aberto ao desconhecido



Fotografia de uma publicação não identificada que cita os computadores do CCSP como uma maneira rápida para realizar atendimentos, 1982. Fotografia: Mário Castelo

quanto é para nós o futuro da cultura e da arte neste ambiente cada vez mais digital nosso? Seria pensar: o que há de novo no passado da documentação sobre a arte contemporânea?

A tecnologia como meio, como fim ...como documento também?

Assim aqui resetamos e voltamos brevemente ao passado recente. Se navegar pela vida parece uma metáfora desgastada quando me refiro à vida de um indivíduo ou até clichê quando utilizamos metáforas relacionadas à web (como "navegar pela web" quando lembramos de referências idiomáticas da Web 1.0 ou até 2.0), aqui usaremos outros sentidos do que entendemos deste universo digital. Estes sentidos serão documentais, das palavras, das ideias, dos conceitos que vem da ciência que ao lado do patrimônio permite-nos olhar melhor para esse novo universo, a da informação - ao fim desta jornada fornecerei uma mapa das palavras que compõem esta viagem que ora se encerra ora se inicia aqui e agora.

Centro Cultural São Paulo 2020: Mares nunca d'antes navegados ou estamos na Web 2.0?

Começamos agora avistando nosso sujeito-objeto ou objeto-sujeito de uma outra forma. O que podemos constatar com certa singularidade é que hoje a relação com a memória e o patrimônio mudou, ou ao menos tem mudado profundamente nos últimos 10-15 anos especialmente com o advento do que hoje conhecemos por tecnologias da *Web 2.0* e *3.0* - promovendo

interatividade, colaboração, e acesso ampliado aos seus acervos digitais centralizando-se essa experiência na afamada categoria usuário. Essa materialidade que interpenetra nossas relações sociais e nossa cultura é parte daquilo que alguns autores conceituam como não uma ferramenta, mas um estado de vida, uma vida *on-life*, onde a distinção entre o que é online e que é offline não existe mais, onde real e virtual se confundem. Quanto mais tecnologia, menos ela é vista como tal. Isto é, nesta *web semântica* que vivemos não há mais como separar o analógico do digital. Porém, é importante ressaltar algo que me parece premente: por mais desconectada que a tecnologia lhes pareça apartada da cultura, ela é parte *sine qua non* da mesma. Ela é o que *Bruno Latour* coloca como "a tecnologia é a sociedade tornada durável".



Documento textual e sua multiplicidade de formatos e gêneros, 2023. Fotografia: Victor Matheus

Dessa maneira, o que queremos pontuar aqui é como essa tecnologia passou pouco a pouco de uma interação meramente de pesquisa, para uma interação do usuário para com a pesquisa não mais a partir de uma visão de disponibilização da informação, mas uma interação com ela, em que faz parte dela este mesmo usuário e de sua co-criação. Nessa perspectiva, aos poucos, silenciosa e fulgurante tem decorrido a penetração das tecnologias da informação e da comunicação nos fluxos de trabalho e nas vidas das pessoas, dos servidores públicos, dos viajantes e dos navegantes desta nau - elas se manifestam como softwares, hardwares, aparelhos celulares, computadores pessoais de mesa (*desktop computers*), discos rígidos, fitas LTO, celulares inteligentes (*smartphones*), computadores pessoais portáteis (*tablets e notebooks*), servidores de armazenamento (armazenamento em nuvem e *data centers*), roteadores e modems de internet, impressoras e scanners digitais, *pendrives* e dispositivos de armazenamento portátil, monitores e projetores digitais, equipamentos de rede (*switches, hubs, pontos de acesso Wi-Fi*), sistemas de videoconferência (câmeras, microfones, alto-falantes), consoles de jogos eletrônicos e dispositivos multimídia, dispositivos de realidade virtual e aumentada (*VR/AR headsets*) e dispositivos para comunicação digital assistiva (como leitores de tela, amplificadores).

Esta listagem não vem como mera elucidação do que podemos imaginar como a cultura material digital contemporânea, mas como ela mesma é somente um fragmento deste universo multifacetado, podendo ser muito mais ampla até do que aqui elenquei. Desde possíveis softwares tão caros à Ciência da Informação,

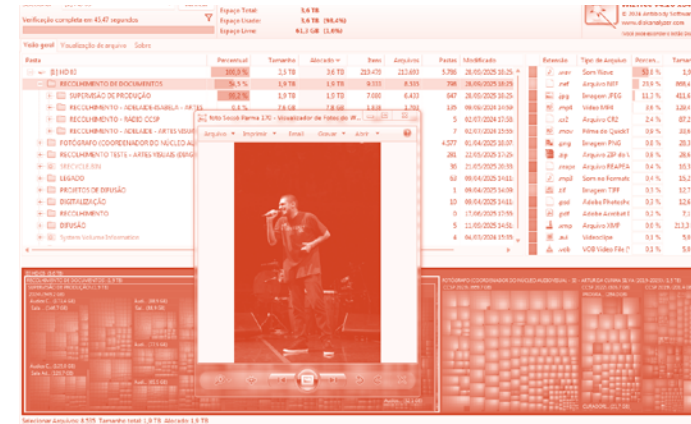
por exemplo - a principal interface nossa com esse universo, a tela do computador dos sistemas, numa linguagem visual intuitiva consolidada nos anos 1990 - até a inteligência artificial contemporânea. Essa cultura material cria - quando falamos dessa efeméride chamada patrimônio - um paradoxo de si mesma, portanto: a *acessibilidade* se torna candente para o documento, o patrimônio se confunde com seu representante digital, em que o suporte se torna metáfora da sua *manifestação documental*. Por vezes pode parecer confuso falar de maneira teórica assim, mas aqui iremos descer mais profundamente nessa rede para ver até onde vai esse *fluxo de trabalho*. Assim questiono: o que está diante de nós nesta configuração de documentos (os arquivos, nossas pastas que abrimos e são lidos num sistema possivelmente Windows) que chamamos também de Documento quando damos valor patrimonial a eles?

Como disse inicialmente, este é também um trabalho em construção² que será somente possível a partir do tracejar de quadro panorâmicos mais amplos que permitam criar linhas do tempo a fim de tecer essa rede de informação que quero capturar no Centro Cultural São Paulo. Mas não só isso: um quadro de processos que seja possível captar

² Hoje em dia, o Núcleo Memória tem repensado suas políticas num esforço de reconfigurar sua identidade num "agir local, pensar global". Dessa maneira, propomos compreender que não há caminho a ser trilhado senão de novamente avaliar qual é essa mudança que a instituição passou (hoje O Centro Cultural é um acervo sobretudo nato digital) nos últimos 10 anos e formular políticas a fim de garantir a acessibilidade a este patrimônio público (diagnósticos, avaliações, políticas de gestão da informação e recolhimento de seu patrimônio documental).

quando dados podem ou não se tornar informação e esta pode ou não ser tornar um documento e este pode ou não se transformar em patrimônio. Ademais, a proposta é avançar na ideia de formular uma concepção mais ampla de patrimônio. O escopo espacial do que é este patrimônio por vezes se mostra desafiante em delimitar, pois onde começa e onde termina o Centro Cultural? Até onde delimito a versão mais autêntica e finalizada através de uma visão curatorial do que deve ou não ser preservado?

Tal empreendimento poderá nos mais permitir formular perguntas que permitirão olhar mais longe nesse horizonte: de que maneira os processos de informatização em instituições *GLAM* (*Galleries, Libraries, Archives and Museums* - Galerias, Bibliotecas, Arquivos e Museus, no português) no Brasil como o CCSP impactaram a maneira como são realizadas a gestão e difusão de acervos no microcosmo e no macrocosmo dos seus fluxos de trabalho? Como esse processo se relaciona com as mudanças mais preponderantes da sociedade contemporânea da *Web 2.0* e *3.0*? E mais do que isso: se as próprias ciências documentárias, da informação, do patrimônio (enfim quaisquer qualificativos que lhes caibam) no seu nascedouro antes do advento de sua disciplinarização compreendiam essa categoria de patrimônio num amplo arcabouço, por que as purificamos? Não seria um centro cultural (talvez O Centro Cultural) o lócus vocacionado para materializar os representados e os representantes (os documentos e o que dizemos deles) desta ampla visão do que seja patrimônio cultural?



Captura de tela de desktop que demonstra árvore de armazenamento (treemap). Software visualizado é o WizTree (v 4.28) que permite leitura de discos rígidos. Permite vislumbrar a volumetria desse patrimônio e como ele se manifesta. Além disso há uma fotografia de um show do músico Criolo em show realizado no CCSP em 2011, mas com metadados de 2019.
Fotografia: Sônia Parma (Sossô Parma)



Foto nato digital em formato .jpg corrompida da região das bibliotecas, 2006. Fotografia: não identificado

Centro Cultural São Paulo 2025: Uma *Heterocronia* entre o *Futuro Passado* e o *Presentismo*?

Se até agora relatamos situações cotidianas que interpenetram os mais recônditos espaços da vida da sociedade contemporânea, o que de fato tudo isso tem a ver com memória, afinal? O que precisa ficar claro aqui leitor e leitora é que a construção da capacidade de agir sobre a materialidade que registra, que confere valor, que confere testemunho e mais importante ainda, repertório, história, conhecimento e por fim inovação é a nossa capacidade de nos relacionarmos com o passado. Mas essa atitude não pode ser somente o que entendemos por Lições Aprendidas do que a Gestão do Conhecimento e Inovação permite-nos elaborar. Não! O que de fato precisa aqui ficar claro é que se falamos de inovação (por mais batida que essa palavra seja ao sequer ser pronunciada, mas ao mesmo tempo possui um tom enigmático do que ela de fato significa) é por que entendemos a relevância do que significa o patrimônio de dados, informações, documentos, conhecimento que uma organização precisa para poder perpetuar-se.

Parece contraditório: como um valor secundário, de valor permanente, histórico do que chamamos de memória e seus documentos precisaria de uma visão que normalmente não estaria contida neste segundo momento, quando um documento se torna "histórico"? Uma visão que olha estes valores como informação e não como patrimônio? É uma dualidade questionável que não pretendemos tentar aqui resolvê-la. Sendo estas uma das grandes contradições de nossa era: como dar valor ao que se manifesta como só bytes e bits numa tela? E mais:

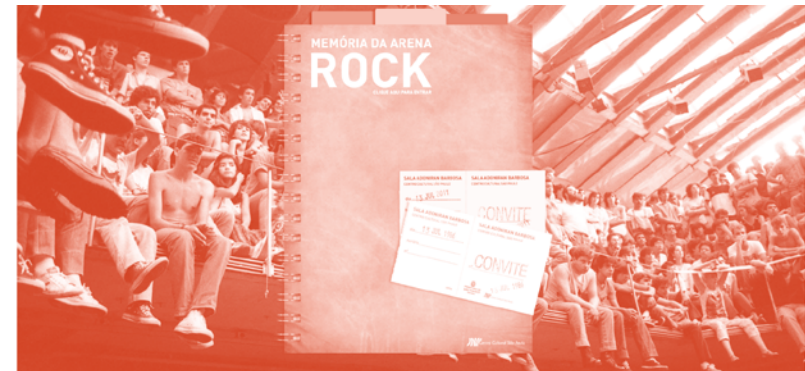
como oferecer capacidade de acessar essas informações para que esse valor seja possível sequer de existir? Me parece que hoje, 2025, apesar da importância da memória é preciso olhar para o futuro de outra maneira.

Apesar da vocação histórica do Centro Cultural em fazer saber a cultura e suas informações, a partir dessa transformação que percorre a instituição, o Estado brasileiro e o mundo, somente a partir dessa visão dual de um *continuum*, um *continuum dos registros*, que poderemos de fato tocar neste nosso sujeito-objeto. Diferente de um ciclo de vida com começo, meio e fim, esse *continuum de registros* é um rio, um mar que nunca seca. Nele, cada documento é uma gota d'água que faz parte de uma corrente contínua, misturando o passado e o presente. O documento não se torna monumento ao ser arquivado, mas se integra à vasta rede da memória, ganhando novas formas e significados ao longo do tempo.

Só que já que estamos numa nave em constante mudança que parece navegar entre as águas da 23 de Maio, no turbilhão de mudanças da cidade, onde está de fato este patrimônio? Este patrimônio nada mais é do que não só o "baú de tesouros", mas o mapa, o astrolábio, as cartas náuticas, a bússola, o prumo, o diário de bordo, a luneta, o giroscópio, o GPS, o sonar, o radar e até o piloto automático. Não se trata de um patrimônio imaterial, mas um patrimônio que se caracteriza pela capacidade de preservar memória como direcionamento desta viagem. E já que falamos dessa materialidade, a mim pessoalmente gosto muito da ideia de legado. Na Ciência Informação por vezes ele possui uma conotação negativa.

Da literatura anglo-saxã, *legacy* é toda e qualquer forma de documento (termo utilizado mais no âmbito dos suportes analógicos e digitais de caráter fotográfico e audiovisual) legado como materiais digitais recolhidos aos *fundos* e *coleções* antes do desenvolvimento de sistemas de *preservação digital* - disquetes, por exemplo. E aqui tocamos num ponto importante: com o aprofundamento das tecnologias da informação e comunicação e nas maneiras pelos quais produzimos documentos cada vez mais iremos criar um paradoxo ainda mais profundo. Ele não se dá somente na obsolescência inerente a nossa transformação digital, mas como a própria transformação digital acaba por criar as condições da superação dela mesma.

Desde o começo desta reflexão temos pontuado a problemática do que de fato podemos a partir de ferramentas de curadoria digital definir de maneira política o que será preservado. Mas se os sistemas pelos quais conferimos valor primário, de uso (quando os criamos para seus primeiros propósitos) eles mesmos se apresentam, se materializam e são representantes e representados pela mudança e efemeridade de si nos parece somente num primeiro momento um paradoxo insuperável. A capacidade de avaliar, de dar compreensão, de diagnosticar e, por fim, prognosticar se fará através da aproximação com o maior valor que até aqui propomos: com seu fluxo de trabalho (com seu contexto). Esse contexto não estará mais só nas práticas ou na cultura, mas nos ambientes que por lá tanto ambientamos: seu ecossistema digital.

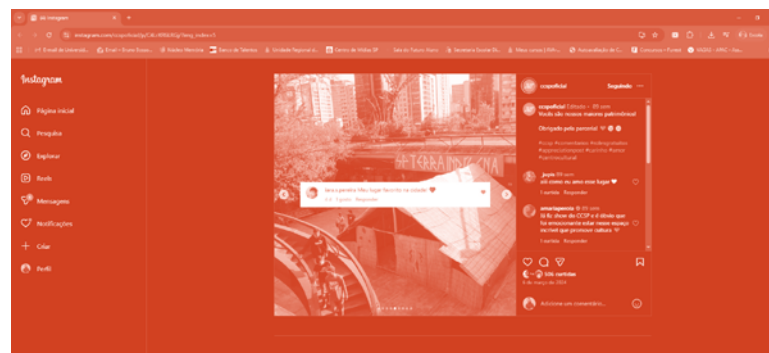
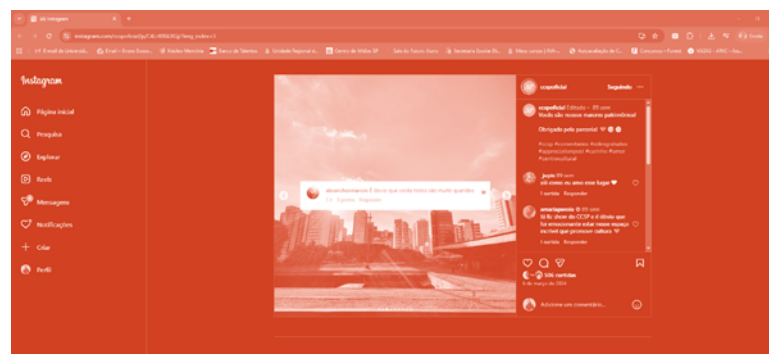
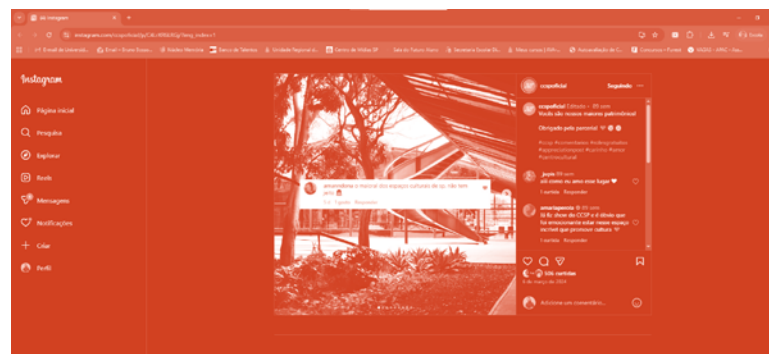


Captura de tela de antigo *hotsite* do Centro Cultural, 2014. Quantos documentos existem nesta imagem?

Centro Cultural São Paulo 2050: Web 3.0 ou 4.0? ou Á guisa de um futuro não mais passado, mas premente...

Por que será que há tantas visões sobre um mesmo lugar que se manifesta ora como espaço, ora como instituição, ora como história, ora como memória? A ideia é perceber que todos os centros culturais deste texto estão certos...e todos estão errados. A capacidade de perpetuação de uma instituição e de se fazer presente na vida daqueles e daquelas a quem permanece como espaço de experiência nada mais é do que a capacidade de atuar no Tempo Presente tendo em vista o futuro. Quando falamos isso nesse momento premente presente, não há nada de inédito. Os seres humanos sempre preservaram visando o futuro, visando aqueles e aquelas que teriam acessibilidade. Não podemos compreender a capacidade de operacionalizar a Pedra de Roseta como a criação de uma das primeiras formas de metadados da História da humanidade? Qual o sentido patrimonial de blocos gigantescos de pedras maciças de cal e alabastro da Antiguidade egípcia sem que os hieróglifos fossem inteligíveis? Ou mesmo: o acesso ao patrimônio dos antigos maias - visando a grande destruição de códices pela conquista e destruição dos mesmos pelos espanhóis - que permitiria a leitura de suas formas de escrita e comunicação em suas próprias pirâmides?

Novamente, não se trata aqui de avaliar um patrimônio. Essa tarefa seria injusta. O que tratamos aqui é como que a efemeridade contemporânea contaminou não só o patrimônio imaterial nas suas manifestações artísticas e culturais. Contaminou as próprias formas de documentação que teriam o fim de preservação



Captura de tela de postagem na rede social Instagram em que há uma mistura de divulgação das atividades do CCSP junto ao que é a opinião dos usuários do CCSP, 2024. Quem são essas pessoas? Isso é um documento? Isso é patrimônio?

destas mesmas manifestações quando aquelas mesmas documentações não são elas mesmas patrimônio em si. Não nos parece que o que foi a Web 1.0 possa dar vazão a essa enormidade de dados e informações. Nem mesmo a 2.0 que não se encerrou e ainda convive com a 3.0 - ao mesmo tempo que a própria 1.0 ainda exista entre as camadas deste universo. Os dilemas contemporâneos também valem para as mesmas práticas de curadoria digital que nós mesmos realizamos com nossas próprias coleções pessoais: como recuperar, acessar, ofertar uso social para essas documentações de memória?

Assim se apresenta essa coexistência de *big data* produzida na *web semântica* contemporânea, a primeira sendo sobre volume, velocidade, variedade, enquanto a segunda é sobre significado, estrutura e interoperabilidade. Essa instrumentação, no entanto precisa ser repensada para além de chavões que experiências recentes³ tem demonstrado quanto à importância não só de priorizar o que denominamos de informação, mas especialmente da materialização dela em documentos. Assim, documentos são nada mais aqui do que as ontologias (a codificação, a materialização da classificação, como organizamos o que é patrimônio) destas informações. Enquanto mediadores, será através da compreensão do entorno digital que os envolvem

³Recentemente, no Núcleo Memória evidenciou-se a importância neste momento de avaliar quais são os fluxos de trabalho da instituição e como eles implicam neste centro de memória e sua capacidade de salvaguardar os documentos permanentes, de valor histórico e cultural aqui avaliados. Especialmente em função desta transformação digital e organizacional do Centro Cultural São Paulo, novos patrimônios têm surgido e novas soluções têm sido formuladas.



Captura de tela da exposição online “Atravessar a grande noite sem acender a luz” de Jota Mombaça em hot site do Centro Cultural São Paulo, circa 2021. A interface apresenta página de erro (“Desculpe. Este vídeo não existe”), evidenciando a impermanência de recursos digitais na preservação de projetos expositivos de primeira geração. Como documentamos — arquivamos — essa própria falha?

que poderemos propor acesso aos mesmos. Por mais que essa viagem entre dados abertos e linkados (mas também ilhados) nos tenha levado até aqui, não pretendo ofertar soluções, mas questionamentos que permitam ancorar estas soluções e estratégias.

Esta viagem que aqui finda e outra que anuncio por começar, para este Centro Cultural que surgirá em 2050 a partir dos dados, das informações, dos documentos e dos patrimônios de 2025, proponho com este ensaio final reflexões para elencar ao menos cinco elementos que a meu ver podem nortear essa próxima viagem. Inspirado pelo que a teoria tem de melhor a nos oferecer no Brasil adjunto à nossa realidade local, proponho para você, viajante e navegante olhando para este futuro premente (e também presente) *agir localmente e pensar globalmente* em torno de normas (boas práticas), das políticas (objetivos), dos padrões (como fazer), dos modelos (fluxos de trabalho) e dos requisitos (qual sistema o fará). Estas considerações são só o começo de futuras propostas que junto a estes fluxos de trabalho (neste ensaio tumultuado de neologismos) poderão vir a propor uma nova forma de pensar esse patrimônio cultural *on-life* da arte e da cultura brasileiras.

Este texto foi construído com uma diversidade de conceitos, categorias e ideias que aperfeiçoei ao longo de minha trajetória. Nunca pretendi dar síntese do que seja a preservação da cultura contemporânea, mas sim propor uma visão do que acredito que virá. Parece contraditório que uma pessoa que trabalhe com cultura, memória e história pense O futuro. Discordo. Acredito que se o Centro Cultural foi criado num contexto de mudança constante e efervescente da sociedade brasileira (entre transições e processos históricos), 43 anos depois essa mudança continua. Não só, mas se

aprofunda e não mostra se arrefecer. Muito pelo contrário. Ela está aí para permanecer (por mais paradoxal que seja usar a palavra permanência na nossa sociedade contemporânea e efêmera). Às pessoas que permitiram a possibilidade de composição destas ideias, coloco aqui meu agradecimento. Sem vocês estas linhas de livre reflexão não seriam possíveis de materializar. No mais, deixarei outro portal para você leitor e leitora mais interessado. Abaixo você encontra acesso ao Glossário deste texto a fim de elucidar palavras e expressões pelo meu demasiado uso do itálico. A ideia aqui é criar um glossário que no futuro será um conjunto livre para você participar também deste texto nas suas múltiplas camadas de informação contextual e conceitual assim como a fim de permitir o aperfeiçoamento das ideias aqui adjacentes. Lá terão outros portais dentro de outros portais de hiperlinks a fim de pensar: qual é a memória do futuro?

Glossário do Passado Presente

Todo glossário é um esforço contraditório, em alguma medida. Pretende-se de maneira exaustiva perscrutar os meandros das palavras, das ideias, conceitos e categorias a fim de estabelecer um vocabulário comum, uma terminologia a fim de estabelecer os marcos destes diálogos, uma conversa, uma mediação, ao mesmo tempo que, enquanto instrumento pode ser algo transitório e fruto do entendimento de seu tempo notadamente marcado pelo seu contexto de produção. Mais importante do que determinar como essa mediação ocorre, é durante essa viagem pensar quem fala, quem escreve e para quem falamos e escrevemos, quando e onde essa ideia foi concebida e como ela se relaciona durante essa mesma viagem.

Dessa maneira, nesta publicação, pretendemos propor esse glossário a fim de diminuir essa diferença entre viajantes e navegantes do Centro Cultural São Paulo ao mesmo tempo em que permitirá futuramente um trabalho mais colaborativo de construção destes instrumentos terminológicos.

agir local, pensar global

Definição: O lema "Agir local, pensar global" é um princípio que preconiza a importância de tomar decisões e realizar ações no âmbito local, mantendo sempre uma perspectiva e consciência das implicações globais. Este conceito sugere que a solução para problemas complexos, reside na atuação prática e imediata da comunidade, orientada por uma compreensão abrangente dos sistemas globais.

Autor/Referência: Patrick Geddes

alteridade

Definição: A alteridade é a capacidade de reconhecer e aceitar o outro em sua totalidade e singularidade, percebendo-o como um ser distinto e subjetivo. Este conceito fundamental na filosofia e nas ciências humanas implica a saída do eu em direção ao outro, valorizando a diferença e a diversidade. É o princípio que permite a compreensão de que existem outras perspectivas e formas de vida, essenciais para a construção da identidade e para a ética.

Autor/Referência: Emmanuel Lévinas, Franz Boas e Claude Lévi-Strauss

big data

Definição: *Big Data* refere-se a conjuntos de dados tão volumosos, complexos e rápidos que os métodos tradicionais de processamento e análise se tornam inadequados. O conceito é fundamentalmente definido pelos "Três V's": Volume, Variedade e Velocidade, que descrevem as características essenciais desses dados. Sua gestão e análise exigem tecnologias e técnicas especializadas para extrair valor e conhecimento, sendo crucial para a tomada de decisões em diversas áreas.

Autor/Referência: Doug Laney

Bruno Latour

Definição: *Bruno Latour* (1947-2022) foi um influente filósofo, sociólogo e antropólogo francês, notório por ser um dos principais desenvolvedores da Teoria do Ator-Rede (ANT). Essa teoria propõe uma abordagem simétrica para analisar fenômenos sociais, tratando atores humanos e não-humanos (como tecnologias, documentos e artefatos) como elementos igualmente capazes de agir e transformar redes.

Autor/Referência: Bruno Latour

coleções

Definição: No campo das Ciências da Informação e do Patrimônio, o termo "coleções" refere-se a um conjunto de documentos ou itens reunidos artificialmente por um indivíduo ou instituição, sem que sua formação decorra de uma acumulação orgânica natural. Diferentemente do conceito de "fundo", que se forma de maneira orgânica em função das atividades de seu produtor, a coleção é criada intencionalmente com base em um tema, tipo de material ou interesse específico.

continuum ou continuum dos registros

Definição: O Records Continuum Model é um modelo conceitual de gestão de documentos, desenvolvido pelo arquivista australiano Frank Upward na década de 1990, que propõe uma visão contínua e integrada

do ciclo de vida dos registros. Diferentemente do tradicional Ciclo Vital (corrente, intermediário e permanente, conforme o uso), o modelo enfatiza a inter-relação entre a criação, organização, uso e preservação dos documentos ao longo do tempo e do espaço. Ele busca uma melhor adequação à gestão de documentos em ambientes digitais, onde a distinção entre documentos ativos e inativos se torna menos clara.

Autor/Referência: Frank Upward

conteúdo estável/não estável, simples ou complexos, interativos/dinâmicos ou estáticos

Definição: Esta frase descreve a tipologia de documentos digitais conforme sua natureza e complexidade, sendo um conceito fundamental na Arquivologia e Preservação Digital. A classificação diferencia objetos pelo seu conteúdo estável ou não, indicando se a informação é fixa ou mutável. Ela também categoriza as entidades como simples ou complexas em sua estrutura, e como estáticas ou interativas/dinâmicas em sua funcionalidade, sendo esta última a que mais exige estratégias de preservação - (páginas simples ou de websites).

Autor/Referência: Luciana Duranti

desmaterialização

Definição: A desmaterialização, no contexto da Ciência da Informação e Arquivologia, refere-se ao processo de transição de documentos e informações de um suporte físico ou analógico para o formato digital.

discurso autorizado

Definição: O Discurso Autorizado de Patrimônio (DAP) é um conceito que descreve a narrativa dominante e hegemônica sobre o que deve ser considerado patrimônio e como ele deve ser gerido. Este discurso tende a privilegiar a materialidade, a estética e a monumentalidade, frequentemente ignorando ou marginalizando as perspectivas e os valores de comunidades locais e grupos minoritários.

Autor/Referência: Laurajane Smith

emocional do patrimônio

Definição: O "emocional do patrimônio" refere-se à dimensão afetiva e subjetiva da relação das pessoas com o patrimônio cultural, destacando como as emoções e os sentimentos são mobilizados na interação com locais e objetos de herança. Este conceito argumenta que o patrimônio não é apenas um conjunto de bens materiais ou imateriais, mas uma experiência profundamente pessoal e socialmente situada.

Autor/Referência: Laurajane Smith

espaço de experiência

Definição: O espaço de experiência é uma categoria conceitual que designa o passado incorporado no presente, abrangendo as lembranças e os acontecimentos assimilados que moldam a percepção atual. Ele se manifesta como uma aglomeração de camadas temporais não-lineares e simultâneas, que servem de base para o conhecimento e o comportamento.

Autor/Referência: Reinhart Koselleck

estratos do tempo

Definição: A metáfora dos "estratos do tempo" remete a diversos planos temporais, com durações e origens distintas, que coexistem e atuam simultaneamente no presente. Inspirada no modelo geológico de camadas, ela permite reunir no mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo. Este conceito é fundamental para a compreensão de fenômenos históricos complexos, onde a diacronia e a sincronia de contextos heterogêneos se manifestam.

Autor/Referência: Reinhart Koselleck

fluxo de trabalho

Definição: O fluxo de trabalho, também denominado *workflow*, é um passo a passo estruturado que

determina uma sequência específica de ações necessárias para completar uma tarefa ou processo. Trata-se do mecanismo fundamental pelo qual pessoas e organizações realizam trabalho, seja na fabricação de produtos, fornecimento de serviços, processamento de informações ou qualquer atividade geradora de valor.

fundos

Definição: Em Arquivologia, o termo "fundo" refere-se ao conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pessoa ou família no exercício de suas funções e atividades. É o resultado orgânico e natural da ação de um produtor, mantendo a ordem original em que foi criado. O conceito é fundamental e está na base do Princípio da Proveniência, que exige que os documentos de um fundo não sejam misturados com os de outros.

futuro passado

Definição: "Futuro passado" é um conceito historiográfico que designa as expectativas, esperanças e projeções que pessoas e sociedades do passado tinham sobre o futuro que, para nós, já é o presente. Trata-se de uma ferramenta analítica que permite compreender as visões prospectivas de períodos anteriores, revelando como diferentes épocas imaginavam seus devires e como essas imaginações diferem das realidades efetivamente concretizadas.

Este conceito reconhece que o passado não era determinístico; havia múltiplos futuros possíveis em disputa.

Autor/Referência: Reinhart Koselleck

Galleries, Libraries, Archives and Museums (GLAM)

Definição: "Galleries, Libraries, Archives and Museums" (GLAM) é um acrônimo que designa a convergência e o agrupamento de instituições culturais e de memória. O termo engloba galerias de arte, bibliotecas, arquivos e museus, reconhecendo a missão compartilhada de fornecer acesso ao conhecimento e preservar o patrimônio cultural. Essa união conceitual é frequentemente discutida no contexto da digitalização e da gestão integrada de acervos. O conceito GLAM é amplamente utilizado na Ciências da Informação e do Patrimônio para discutir a colaboração e a infraestrutura técnica dessas instituições.

heterocronia

Definição: Heterocronia designa a coexistência e o entrelaçamento de múltiplas temporalidades que não se alinham entre si, produzindo descompassos, fricções e novos arranjos de sentido no presente. Em vez de um tempo único e homogêneo, a heterocronia evidencia como diferentes ritmos históricos, sociais, tecnológicos e subjetivos se sobrepõem, se hibridizam

e se transformam mutuamente, fazendo emergir configurações temporais inéditas.

Autor/Referência: Stefan Helgesson

horizonte de expectativa

Definição: Categoria fundamental proposta pelo historiador alemão Reinhart Koselleck para a teoria da história, o horizonte de expectativa define a dimensão do futuro na experiência temporal. Representa a antecipação do que está por vir, o conjunto de esperanças, medos e planos que ainda não foram realizados, mas que orientam as ações no presente.

Autor/Referência: Reinhart Koselleck

hotsite

Definição: Um *hotsite* é uma página ou um conjunto limitado de páginas web criado com um propósito específico e de natureza temporária. Sua principal função é concentrar a atenção do público em uma ação pontual, como a divulgação de um evento, o lançamento de um produto ou uma campanha de marketing sazonal.

legacy

Definição: No contexto da Tecnologia da Informação, um sistema "legacy" (ou legado) refere-se a um

sistema de software ou hardware antigo que, apesar de obsoleto, ainda é crucial para as operações de uma organização. Esses sistemas são frequentemente difíceis de manter, atualizar ou integrar com tecnologias mais recentes devido à sua idade e às técnicas de desenvolvimento ultrapassadas.

manifestação documental

Definição: A manifestação documental é uma entidade fundamental no modelo conceitual Records in Contexts (RiC, Registros em Contexto) do Conselho Internacional de Arquivos (CIA). Ela representa a forma física ou digital específica na qual o conteúdo intelectual de um documento (a "Expressão") se materializa. É a concretização perceptível do registro, como um arquivo PDF, uma cópia impressa ou um registro em um banco de dados, sendo o objeto direto de acesso e uso.

manifestação documental

Definição: A manifestação documental é uma entidade fundamental no modelo conceitual Records in Contexts (RiC, Registros em Contexto) do Conselho Internacional de Arquivos (CIA). Ela representa a forma física ou digital específica na qual o conteúdo intelectual de um documento (a "Expressão") se materializa. É a concretização perceptível do registro, como um arquivo PDF, uma cópia impressa ou um registro em um banco de dados, sendo o objeto direto de acesso e uso.

on-life

Definição: O conceito de "vida on-life", formulado por Luciano Floridi, descreve a experiência humana na era da hiperconexão, onde as fronteiras entre o "online" e o "offline" se diluem. Essa dissolução configura o indivíduo como um "ente informacional" imerso em uma infosfera mediada por sistemas onipresentes.

Autor/Referência: Luciano Floridi

orgânico

Definição: O termo "orgânico", no contexto arquivístico, refere-se à organicidade, que é uma qualidade dos documentos refletirem a estrutura, funções e atividades da entidade produtora, mostrando a relação natural e espontânea entre eles.

presentismo

Definição: O presentismo é uma condição epistemológica e existencial da contemporaneidade caracterizada pela absorção do tempo histórico no presente imediato. Refere-se à dificuldade ou incapacidade de estabelecer distância reflexiva com relação ao próprio tempo vivido, resultando em uma perda de perspectiva temporal que impede a formulação de narrativas históricas consistentes.

Autor/Referência: François Hartog

preservação digital

Definição: Preservação digital é o conjunto de atividades e processos que visam garantir o acesso contínuo e a longo prazo à informação digital, mantendo sua autenticidade e integridade. Ela transcende a simples manutenção do suporte físico, focando na capacidade de a informação permanecer acessível e utilizável ao longo do tempo, exigindo estratégias como migração e emulação para combater a obsolescência tecnológica.

purificamos

Definição: A purificação é o processo moderno de separação artificial entre domínios que já estiveram integrados (natureza vs. cultura, ciência vs. sociedade, técnico vs. social). A modernidade purificou o conhecimento em disciplinas isoladas, negando a interdisciplinaridade

Autor/Referência: Bruno Latour

redes ou redes sociotécnicas

Definição: Redes sociotécnicas são um tipo de rede social onde a tecnologia atua como a estrutura de sustentação para as relações sociais que se estabelecem. Elas representam uma interconexão complexa de seres humanos e elementos tecnológicos, não se limitando a um aglomerado de pessoas ou apenas a uma rede de computadores. O conceito sugere que o ser humano é apenas mais um "nó" em uma estrutura não-linear e

sempre aberta a novos componentes.

Autor/Referência: Bruno Latour

regimes (de tempo ou temporalidade)

Definição: Regimes de tempo referem-se aos modos históricos e culturalmente específicos pelos quais as sociedades organizam, experienciam e significam o tempo. Cada regime temporal é caracterizado por uma particular relação entre passado, presente e futuro, bem como pelas formas institucionais, narrativas e tecnologias que sustentam essa experiência. A noção de "regime" sugere que a temporalidade não é universal ou natural, mas historicamente contingente e suscetível a transformações profundas em momentos de ruptura.

Autor/Referência: Reinhart Koselleck, François Hartog

Web 1.0 e 2.0

Definição: A Web 1.0 representa a fase inicial da World Wide Web, caracterizada por ser predominantemente estática e de "somente leitura" como sites de notícias. Neste modelo, o usuário era um consumidor passivo de conteúdo, com interatividade limitada a formulários de contato e hiperlinks. Este período, que se estendeu aproximadamente de 1991 até o início dos anos 2000, estabeleceu as bases para a comunicação digital global. A Web 2.0 é um termo popularizado por Tim O'Reilly que descreve a segunda geração da World Wide Web, caracterizada pela transição de sites estáticos para

plataformas dinâmicas e interativas como redes sociais tais quais Instagram e Facebook. Seu princípio central é a rede como plataforma, onde o conteúdo e os serviços são continuamente aprimorados pela participação e colaboração dos usuários. Essa arquitetura permite a criação de comunidades virtuais, redes sociais, blogs e wikis, transformando o usuário de mero consumidor em cocriador de informação.

web semântica

Definição: A Web Semântica é uma extensão da World Wide Web atual, onde a informação é estruturada e dotada de um significado bem definido, o que permite que computadores e pessoas trabalhem em cooperação. Seu objetivo é transformar a web de um repositório de documentos em uma base de dados global, facilitando a interoperabilidade e o reuso de dados entre diferentes aplicações com sites como o próprio Netflix, em que ele compreende e recomenda. Essa camada de dados interligados é construída com tecnologias como RDF, OWL e SPARQL, essenciais para a organização e recuperação automatizada de conhecimento.

Foto: Não identificado



PREFEITO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Totó Parente

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Diretor

José Mauro Gnaspini

SUPERVISÃO DE ACERVO

Núcleo Memória

Coordenador

Victor Matheus Fernandes de Santana

Documentalistas

Agenor Palmorino Monaco Júnior

Bruno Lopes Chbane Bosso

Maricler Martinez Oliveira

Marina de Siqueira Pozzoli

Estagiário

Gustavo Adamo Marques De Pietro

SUPERVISÃO DE INFORMAÇÃO

Supervisor

Fellipe Cartier

Administrativo

Cristiane Lopreto

Comunicação visual

Marco Aurélio

Steffany Lima

Audiovisual

Nina Bastian Gocke

Alessandro Santos

Pedro Blanco

Redes Sociais

Sabrina Godoy

Maria Paula Azevedo

Redação

Alexandre César

Edmárcio Silva

Camila Martins

Relações públicas

Márcia Pagani

Maurício Faria

Equipe gráfica do CCSP

Bruno Valeiro

João Batista Amaro

João Francisco dos Santos

João Silva

Paulo Sérgio Cassiano

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

R. Vergueiro, 1000

CEP: 01504-000

Paraíso / São Paulo SP /

Estação Vergueiro

+55 11 3397 4002

www.centrocultural.sp.gov.br

ccsp@prefeitura.sp.gov.br

 Centro Cultural São Paulo

 @ccspoficial

 @ccsp_oficial

 Centro Cultural São Paulo

